

MINISTÉRIO

Uma Revista para Pastores e Obreiros

ADVENTISTA

NOV/DEZ 83



NÚMERO 6




1000
DIAS DE
COLMÉIA

“Dos Tais é o Reino dos Céus”

ÍNDICE

EDITORIAL

O Maior dos Pobres
José C. Bessa 3

TEOLOGIA

O Que Jesus Disse Sobre a Santificação
Morris L. Venden 4

A Teosofia e a Bíblia
Gastón Clouzet 7

A ESPOSA DO PASTOR

"Eu a Conheço!"
Iracilda Rodrigues Stabenow 11

OBRA PASTORAL

"Dos Tais é o Reino dos Céus"
Alvin C. Rose 12

Se eu Fosse Pastor...
Herbert Ford 14

A SAÚDE DO PASTOR

Um Compromisso Importante
Dra. Irma B. de Vyhneister 17

A PREGAÇÃO

Combatamos o Bom Combate
Dr. C. Raymond Holmes 19

ÍNDICE DE 1983 22



O MINISTÉRIO ADVENTISTA



ANO 49 Nº 6 NOV/DEZ 83

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Severino Bezerra
Jefte de Carvalho

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa

Direção de Arte:
Rogério Sorvillo
Vieira

Redator:
Naor G. Conrado

Colaborador Especial:
Daniel Belvedere

Progr. Visual:
César Luís Pagani

Colaboradores:
João Wolff
José C. Bessa
Alcides Campolongo
2

Assinatura Anual:
Cr\$ 1.200,00

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista *O Ministério Adventista*, devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 70279- Brasília, DF

Capa: Camera Clix



Editado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, Av. Pereira Barreto, 42 — 09000 - Santo André, São Paulo

O MAIOR DOS POBRES

O maior dos pobres era o maior dos ricos. E quando o maior dos ricos tornou-se o maior dos pobres, o maior dos miseráveis foi enriquecido. O maior dos ricos é Aquele em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência. O maior dos ricos é Aquele que é o Senhor de todos os bilhões de mundos, de estrelas, de sóis, de planetas, de cometas e de galáxias. Aquele que conhece todo este incontável exército e a todos chama pelo seu próprio nome. Sim. Ele, Jesus, é O MAIOR DOS RICOS.

Quando o pecado pôs em perigo a estabilidade, a harmonia e mesmo a sobrevivência de Seus domínios, o maior dos ricos tornou-Se O MAIOR DOS POBRES, e assim fazendo pôde enriquecer a vida do maior dos miseráveis: O PECADOR. Eu, você, todos os que ao nascerem neste mundo trazem a herança mortal do pecado.

O texto sobre o qual estamos montando estes pensamentos é o de II Coríntios 8:9: "Porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre; para que pela Sua pobreza enriquecêsseis."

Quando Deus quis salvar o mundo Ele Se fez pobre. Quando Deus quis salvar o mundo Ele Se fez servo.

Fez-Se pobre por amor, e ao tornar-Se pobre por amor, Cristo não perdeu um átomo de Sua dignidade. Ao tornar-Se o maior dos pobres, ao tornar-Se o mais pobre dos pobres, revelava em realidade toda a grandeza de Seu amor pelos perdidos. "Não tenho onde reclinar a cabeça." Ao aqui chegar como embaixador da parte do Pai, foi-Lhe negado o direito de repousar pela primeira vez a cabeça em uma maternidade ou em uma estalagem; o estábulo foi Seu primeiro lar; a manjedoura, Seu primeiro berço, atestava que desde o nascimento Ele tornou-Se o maior dos pobres.

Na cena da manjedoura, o orgulho e a presunção ficam repreendidos. Muitos não querem aceitar a honra que se obtém por meio da humilhação. Ele, O MAIOR DOS RICOS, não possuía lar neste mundo, a não ser o que a bondade dos amigos Lhe preparava como peregrino; e quando não aparecia o gesto amigo com convite hospitaleiro, Jesus ia para os montes, pois, se não tinha onde reclinar a cabeça, tinha onde dobrar os joelhos, e ali ficava em oração, durante toda uma noite, gozando o companheirismo do Pai.

Comentando o texto em apreço, diz o livro Atos dos Apóstolos, à página 333: "Conheceis a altura de onde Ele baixou; a profundidade da humilhação a que desceu. Uma vez tendo entrado na senda da renúncia e do sacrifício, não recuou até que tivesse dado a vida."

Quando Deus nos entregou Seu amado e único Filho, ficou de mãos vazias. Deus não reservou nada para Si. Deu tudo. O mundo havia entrado em tal desgraça que somente Aquele em quem estão escondidos os tesouros do Universo poderia salvar, remir, resgatar, enriquecer o produto de Suas mãos — seres caídos nas garras de Satanás e por isso mesmo empobrecidos.

Ele veio. E enriqueceu a História. Enriqueceu todas as artes: escultura, pintura, música, etc. Mais ainda: Ele enriqueceu e enriquece vidas. Pobres pescadores são mais conhecidos que os mais ricos monarcas da Terra. Uma pecadora arrependida é mais conhecida do que a mais rica das damas. Pedro, João, Maria Madalena, Zaqueu, a Samaritana, o Dimas da cruz, todos eles e muitos milhões de outros foram enriquecidos pela pobreza que enriquece.

Oh, Jesus! O mundo Te aceitaria facilmente se estivesses reclinado sobre uma almofada de veludo, ou faziam os reis e faraós; mas é nos braços ensangüentados de uma cruz que Te encontramos.

O Novo Testamento descreve os apóstolos, dizendo: "Não temos prata nem ouro, mas o que temos isso te damos." Eles tinham a pobreza que enriquece. II Coríntios 6:10 retrata a Igreja como pobre, mas enriquecendo; não tendo nada, e possuindo tudo.

Como gritante contraste, somos apresentados como Igreja dizendo: "Rico sou, ... e de nada tenho falta." Porém, o Maior dos ricos, que é também o Maior dos sábios, nos aconselha: Compra de Mim a verdadeira riqueza; Eu sou o Mercador divino; estou à tua porta; permite que Eu enriqueça tua vida com os tesouros da fé, com os tesouros do Espírito. Eu, o Maior dos ricos estou à tua porta. Irás abri-la?



A Rios

José C. Bessa

O Que Jesus Disse Sobre a SANTIFICAÇÃO

Morris L. Venden

Pastor da Igreja ASD do Colégio União
do Pacífico, Califórnia, Estados Unidos.

O que Jesus tinha para dizer sobre a santificação? Se procurarmos o uso específico que Ele fez desse vocábulo, notaremos que a única referência se encontra em S. João 17:19, onde Ele diz desejar que os Seus seguidores sejam santificados assim como Ele foi santificado.

No tocante, porém, ao assunto da santificação em seu uso moderno, aplicando-se ao crescimento, à obediência, à vitória e ao poder do cristão — em suma, à obra que o Espírito Santo realiza em nós ao vivermos a vida cristã, verificamos que Jesus tinha muito mais que dizer sobre isso do que sobre a obra que Deus efetuou por nós. Alguns hoje em dia afirmam que o devido equilíbrio da ênfase entre a justificação e a santificação seria passarmos noventa por cento de nosso tempo falando sobre a obra de Cristo por nós na cruz e dez por cento sobre a obra que Ele está efetuando na vida. Mas Jesus falou pelo menos duas vezes mais sobre a obra de Deus em nós do que sobre a obra de Deus por nós.

Na santificação, quer concluída ou em prosseguimento, o método é sempre unicamente pela fé, tanto quanto na justificação. Embora devamos considerar a justificação e santificação como separadas, a bem da aceitação e certeza, precisamos considerá-las em conjunto no tocante ao método de realização em nossa experiência. Quando usamos a expressão "santificação unicamente pela fé", não estamos negando que haverá tanto fé como obras na santificação. O significado usual da palavra "pela" tem que ver com o método. (Por exemplo: "Ganho a subsistência pela colportagem.") O método da santificação é unicamente pela fé.



O Bom Pastor anseia que
Suas ovelhas passem
mais tempo aos Seus pés.
As que assim fazem,
nunca se desgarrarão.

Em S. João 15:5, lemos o que Jesus disse a esse respeito: "Sem Mim nada podeis fazer." Ele estava falando sobre a produção dos frutos da obediência, os frutos do Espírito, na vida cristã. É claro que se não podemos fazer nada sem Ele, tudo que for feito terá de ser efetuado pela fé em Sua Pessoa. Em S. Lucas 16:13 Jesus disse que não podemos aceitar uma dádiva e também merecê-la. E esta é uma das questões vitais que enfrentamos hoje em dia: Podemos, acaso, trabalhar para adquirir ou merecer a graça de Deus, quer para expiar nossos pecados passados, quer para ter poder a fim de vencer os pecados que cometemos no presente? A resposta é Não! A santificação é tanto uma dádiva de Deus como a justificação.

Como, então, podemos receber essa dádiva? Certo dia, os judeus acercaram-se de Jesus e fizeram uma pergunta similar: "Que faremos para realizar as obras de Deus?" S. João 6:28. "Respondeu-lhes Jesus: A obra de Deus é esta, que creiais nAquele que por Ele foi enviado." Verso 29. A única obra envolvida na crença ou confiança é a obra envolvida na comunicação; pois só é possível confiar nalgum que conhecemos. Segundo Jesus disse na parábola do aprisco das ovelhas, "depois de fazer sair todas as que lhe pertencem, vai adiante delas, e elas o seguem porque lhe reconhecem a voz; mas de modo nenhum seguirão o estranho, antes fugirão dele porque não conhecem a voz dos estranhos. ... Eu sou o Bom Pastor; conheço as Minhas ovelhas, e elas Me conhecem a Mim" (S. João 10:4, 5 e 14).

Quais são os métodos de comunicação ensinados por Jesus? "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação." S. Mar. 14:38. "Quem de Mim se alimenta, por Mim viverá. ... As palavras que Eu vos tenho dito, são espírito e são vida." S. João 6:57 e 63. "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" S. João 1:29. É contemplando que somos transformados. Constitui uma lei da vida, mesmo no mundo secular, que aquilo que prende nossa atenção também prende a nossa pessoa. E o verso citado tem aplicação dupla: Ao contemplar o Cordeiro de Deus, é-nos assegurado que nossos pecados passados já foram expiados, e também que há poder para vencermos nossos pecados no presente. Jesus disse: "Pouco é necessário, ou mesmo uma só coisa." S. Lucas 10:42. Essa coisa é passar tempo aos pés de Jesus, em comunhão e amizade com Ele. Portanto, a metodologia ensinada por Jesus

Genuína obediência e vitória na vida cristã é natural e espontânea; obediência é fruto da fé.

acerca da santificação é o estudo de Sua Palavra, a oração e a comunhão com Ele.

No entanto, quando falamos sobre manter comunhão com Jesus, por meio do tempo passado no estudo de Sua Palavra, estamos falando sobre algo mais do que simples anuência intelectual à verdade. Jesus declarou: "Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de Mim. Contudo não quereis vir a Mim para terdes vida." S. João 5:39 e 40. O propósito de estudar a Palavra de Deus não é simplesmente obter informações, e, sim, comunicação, amizade e comunhão com Jesus.

Genuína obediência e vitória na vida cristã é natural e espontânea; obediência é o fruto da fé. Uma pessoa não se afadiga para produzir fruto. O fruto é o resultado. Jesus comparou a obediência ao fruto em diversas ocasiões. "Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira; assim nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em Mim." S. João 15:4. "Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons." S. Mat. 7:17 e 18. Produzir frutos bons é natural e espontâneo para uma árvore boa. (Ver Isaías 61:3.)

Jesus disse: "Limpa primeiro o interior do copo, para que também o seu exterior fique limpo." S. Mat. 23:26. Quantos de nós temos dissipado nosso tempo e energia procurando limpar o exterior do copo, em vez de ir até à causa do problema — o coração! Se volvermos a atenção para a causa e limparmos o interior, o exterior ficará limpo. Jesus disse: "Se Me amais, guardareis os Meus mandamentos." S. João 14:15, grifo acrescentado. Estas evidências da parte de Jesus indicam que a genuína obediência é

natural e espontânea na vida cristã. Se estamos tendo dificuldades com a obediência, precisamos dirigir nosso esforço no sentido de aprender amar mais a Jesus, e a obediência virá em seguida. Cooperamos com o Salvador mantendo comunhão com Ele, de modo que o amor e a confiança brotem espontaneamente. E então a obediência será o inevitável resultado.

A essência do ensino de Jesus era a renúncia do próprio eu. É unicamente quando renunciamos a nós mesmos e nos entregamos a Ele que podemos começar a vida de fé. Jesus afirmou: "Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó." S. Mat. 21:44. E em S. Mat. 13:45 e 46 Ele nos adverte de que precisamos vender tudo o que possuímos a fim de obter a pérola de grande preço. Essa pérola abrange a salvação em todos os seus aspectos. Jesus disse: "Todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser Meu discípulo." S. Luc. 14:33.

Por toda parte dos Evangelhos Jesus Se refere à cruz como "nossa cruz". Ele está falando da morte — para nós, bem como para Si mesmo. Nós precisamos morrer, renunciando a nós mesmos, antes que possamos começar a experimentar genuína santificação. No entanto, não podemos ocasionar essa renúncia por nós mesmos. Só Deus pode conduzir-nos a esse ponto, pois ninguém pode crucificar a si mesmo. Temos de ser crucificados por outra pessoa. Ao continuarmos a buscá-Lo, a contemplá-Lo, a sentar-nos aos Seus pés em comunhão, Ele realizará o resto para nós tão depressa quanto possa fazê-lo sem destruir nossa faculdade de escolha.

O objetivo da vida cristã é algo mais do que simplesmente assegurar-nos pessoalmente que temos salvação. É reproduzir o caráter de Jesus em nós, de modo que seja dado honra e glória a Deus. Foi o que Jesus disse em S. Mateus 5:16: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos Céus." E também em S. João 15:8: "Nisto é glorificado Meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis Meus discípulos." E em S. João 17:10: "Neles Eu sou glorificado." O propósito de nossas obras, de nossa obediência, de nossas vitórias, não é salvar-nos no Céu, e, sim, trazer glória para Deus. E se apenas estamos interessados em chegar ao Céu, e não em trazer glória para Deus, podemos duvidar se-

riamente de que nos será concedida a salvação no Céu. Há uma questão mais ampla do que a certeza de nossa própria salvação — e essa questão mais ampla é trazer glória e honra para Deus perante o Universo.

Santificação é uma questão de colocar-se sob o controle de Deus. Jesus referiu-Se muitas vezes a nossa relação para com Deus sob o aspecto da relação entre o senhor e o servo. Ele disse: "Ninguém pode servir a dois senhores." S. Mat. 6:24. O servo está sob o controle de seu senhor. Jesus nos lembra, porém, que colocar-nos sob o Seu controle nos trará liberdade. "Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres." S. João 8:36. Quando somos controlados por Deus, Ele efetua em nós tanto o querer como o realizar, segundo a Sua boa vontade (Filip. 2:13).

Quando chegamos ao ponto da entrega, da crucifixão do próprio eu, da renúncia de nós mesmos, e estamos sob o controle de Deus, podemos experimentar o supremo poder de Deus para vencer. Não precisamos esperar até o fim de nossa vida, na esperança de ter pelo menos um bom dia. Enquanto nos submetemos a Ele teremos vitória e obediência espontânea. A palavra-chave é enquanto. Os discípulos constituem um exemplo apropriado. Um dia eles foram, e expulsaram demônios. Outro dia eles se aproximaram de Jesus e perguntaram: "Por que não pudemos nós expulsá-lo?" Significava isso que eles estavam perdidos? Significava que não eram mais discípulos? Não! Jesus os amava e continuou andando com eles.

Vemos esta mesma idéia em S. Mateus 16. Pedro diz: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo." E Jesus declara que o próprio Pai revelou isso para Pedro. Entretanto, nessa mesma conversação, Jesus tem de dizer a Pedro: "Arreda! Satanás." Versos 16 e 23. Pedro recebeu congratulações de Jesus num momento e repreensões no outro. Num minuto Pedro estava entregue a Deus e confiou no Seu poder; no minuto seguinte ele recuou e procurou dirigir as coisas por si mesmo.

Em S. João 11 temos a história de Maria. Num instante ela manifesta a bela confiança em Jesus de que Ele pode fazer tudo, e até ressuscitar os mortos, se Lhe apraz fazê-lo. No momento seguinte, resiste à ordem do Mestre de que seja removida a pedra, quando sua fé titubeia e ela confia novamente em si mesma. Na vida cristã em crescimento há ocasiões em que olhamos para Jesus e experimentamos vitória e



Arq. Casa

A auto-renúncia é uma clara evidência do processo santificador na vida do crente.



Arq. Casa

poder. Noutras ocasiões, confiamos em nós mesmos e em nosso próprio poder, e fracassamos. O crescimento na vida cristã consiste em confiar cada vez mais constantemente no poder de Jesus.

Visto que, como cristãos em desenvolvimento e imaturos, não vivemos em constante dependência do poder de Jesus, amiúde caímos e fracassamos. Deus tomou providências neste sentido. (Ver I S. João 2:1 e 2.) Mas, como cristãos genuínos, lembrar-nos-emos de que, embora Deus tenha tomado providências quanto ao pecado, nós nunca devemos tomar tais providências. Aquele a quem muito se perdoou, muito ama; e quem muito ama obedece muito. (Ver S. Luc. 7:41-43; S. João 14:15.)

Os que creem na santificação pela fé mais obras só podem crer em obediência imperfeita até que Jesus venha. Mas os que creem na santificação unicamente pela fé podem crer que perfeita obediência é possível em qualquer ocasião na qual confiamos em Jesus, e não em nosso próprio poder.

A santificação advém da justificação. Jesus disse que aquele a quem mais é perdoado, mais amará (ver S. Luc. 7:43). Que significa isso? Qual é o propósito de estudar a Bíblia, de orar, de manter comunhão diária com Jesus? O propósito é compreender o grande amor de

Deus, Sua graça, Seu perdão, Sua morte na cruz. O tempo passado em profunda contemplação da vida e morte de Jesus deve levar-nos a conhecê-Lo melhor e amá-Lo mais. E, compreendendo Sua aceitação, Seu perdão e Seu poderoso amor, passamos a confiar mais nEle, bem como a amá-Lo e obedecer-Lhe.

Quanto mais amarmos, mais obedeceremos. Isto foi mostrado por Jesus quando arrastaram a mulher adúltera a Sua presença e a depositaram a Seus pés. Ele lhe disse: "Nem Eu tampouco te condeno." S.

João 8:11. Isso é a cruz — isso é justificação. Ninguém precisa sentir-se condenado hoje em dia. Jesus não condena — justifica e perdoa todos os que vão ter com Ele. Jesus não veio condenar o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Seu intermédio. E somente quando compreendemos essa grandiosa verdade somos habilitados a ir e não pecar mais.

A única maneira pela qual podemos ter a esperança de ir e não pecar mais é descobrir e continuar lembrando dia a dia que Deus não nos condena. A boa nova é que não há nenhuma condenação para os que estão em Cristo Jesus. E é também que Cristo tomou providências para livrar-nos de pecar, a fim de que Ele seja glorificado por nosso intermédio. ❧

A TEOSOFIA e a BÍBLIA

Gastón Clouzet

Diretor de Ação Missionária da União
Austral.

Em vários países latino-americanos está-se propalando, nas camadas médias e altas da sociedade, uma doutrina filosófico-religiosa, não muito conhecida pelos adventistas em geral, mas que convém conhecer na medida do possível, para ajudar pastoralmente às pessoas que a estão aceitando, ou que sejam passíveis de aceitá-la. Referimo-nos à teosofia.

Neste artigo faremos um resumo de sua história e de suas doutrinas. E ao tratar destas últimas nós as compararemos com os ensinamentos das Escrituras Sagradas para ver se concordam ou não com elas, e para tirar as devidas conclusões de tal comparação. Embora tenhamos abundante bibliografia acerca do assunto, basearemos este estudo no artigo que aparece no Volume 26 da *Encyclopedia Americana*. É o que nos parece mais justo, pois o referido artigo foi escrito pelo Sr. James S. Perkins, ex-presidente da Sociedade Teosófica dos Estados Unidos.

Significado do Nome

A palavra "teosofia" provém de dois termos gregos, a saber: *Theos*, que significa Deus, e *Sofia*, que quer dizer sabedoria. A síntese disto seria: Sabedoria de Deus.

Breve História da Teosofia

Os autores teósofos asseveram que as doutrinas que eles sustentam e difundem têm uma origem que remonta a idades antiquíssimas, e que se haviam manifestado de diversas maneiras no Egito, China, Índia e Grécia antiga, como também em certos filósofos europeus mais modernos, entre os quais destacaremos os alemães Jakob Böhme e Johannes Eckhart. Mas, para o estudante objetivo, isso não

poderia remontar-se mais além do terceiro decênio do século passado, quando nasceu a Sra. Helena Pavlovna Blavatsky (1831-1891) — uma dama russa que fundou a Sociedade Teosófica em 17 de novembro de 1875, juntamente com o Coronel Henry Steel Olcott, de Nova Iorque, sendo ele o presidente e ela a secretária.

Evidentemente, essa senhora era uma verdadeira secretária executiva, porque eclipsou totalmente a seu presidente, do qual nem sequer os teósofos se recordam, a tal ponto que todas as doutrinas da Sociedade Teosófica encontram seu fundamento nas obras da Sra. Blavatsky, entre as quais destacamos aqui *Isis Unveiled* ("Ísis Desvendada", 1877), *The Key to Theosophy* ("A Chave da Teosofia", 1889) e *The Secret Doctrine* ("A Doutrina Secreta", 1888). Esta última é sua obra mais famosa, e foi traduzida para numerosos idiomas.

Os teósofos afirmam que, para escrever suas obras, a Sra. Blavatsky recebeu a ajuda de certos "adeptos" ou "sábios" orientais de que ela era discípula. Não nos é declarado quem eram esses personagens.

Outra teósofa importante e famosa foi Annie Besant (1847-1933), inglesa, que se distinguiu como reformadora social, teósofa e campeã da independência da Índia. Por volta de 1885 ela leu a obra da Sra. Blavatsky intitulada *The Secret Doctrine*, e se converteu à teosofia. Foi presidente da Sociedade Teosófica desde 1907 até sua morte.

Apesar de todas as declarações dos teósofos, de que suas doutrinas têm grande antiguidade, o observador imparcial não pode deixar de ficar impressionado com a convicção de que se trata de um grande esforço para pôr em linguagem ocidental e ao alcance dos assim cha-



Nota-se, sem muito esforço, a presença de elementos filosóficos hinduístas na Teosofia.

mados cristãos, adaptando-as em mais de um caso, as doutrinas do hinduísmo que, com enorme quantidade de modificações introduzidas ao longo dos séculos, procedem das doutrinas mantidas originalmente pelos povos ários que invadiram o Norte da Índia por volta do século XV antes de Cristo, mais ou menos na mesma época em que Moisés começou a escrever na Península do Sinai o livro bíblico do Gênesis. Em suma, a teosofia passou a ser um ramo mais ou menos ocidentalizado do hinduísmo.

As Doutrinas Teosóficas

Para tratar deste tema, e sem a menor pretensão de esgotá-lo, faremos alusão a quatro aspectos principais:

1. Seu conceito de Deus.
2. Seu conceito do Universo.
3. Seu conceito do homem.
4. Seu conceito da salvação (se lhe podemos dar esse nome).

Conceito de Deus. Em *The Secret Doctrine*, a Sra. Blavatsky define assim a Deus: "Um princípio oni-

presente, eterno, ilimitado e imutável, que transcende a capacidade da concepção humana e que está além do alcance do pensamento do homem: inimaginável e indescritível." Noutra de suas obras (o Sr. Perkins não nos diz em qual), ela O descreve deste modo: "Deus existe e é bom. É o grande Doador da vida que mora dentro de nós e fora de nós; não pode morrer e Seus benefícios são eternos. Não podemos ouvi-Lo, nem vê-Lo, nem tocá-Lo; mas o homem que deseja percebê-Lo pode fazê-lo."

Mais adiante, ao referir-se à Criação ou Cosmogênese, a Sra. Annie Besant nos dá outro vislumbre do conceito teosófico acerca de Deus: "Um Logos passa a ser o Deus Manifesto ao impor-*Se* um limite mediante o qual circunscreve voluntariamente o âmbito de Seu próprio Ser para determinar a esfera de Sua atividade. Desse modo Ele marca os limites de Seu Universo. O Universo nasce, se desenvolve e morre dentro dessa esfera; vive, move-se e tem seu ser nEle; seu material é Sua emanção, suas forças e energias procedem de Sua vida; Ele é imanente (Se encontra imerso) em cada átomo... Assim nos ensinaram os sábios da Antiga Sabedoria desde os primórdios dos mundos existentes (ou manifestos).

"Da mesma fonte aprendemos algo do desdobramento do Logos numa tríplice forma: O Primeiro Logos, a raiz de todo ser; dele surge o Segundo, no qual se manifestam os dois aspectos de vida e forma, a dualidade primigênia, que constituem os dois pólos da Natureza entre os quais se tece a teia do Universo... A seguir, vem o Terceiro Logos, a mente universal, no qual existe tudo arquetipicamente, a origem dos seres, a fonte das energias modeladoras."

Analisemos um pouco alguns desses conceitos, e comparemo-los com a Bíblia para ver se concordam ou não com ela. A Bíblia diz: "À lei e ao testemunho! Se eles não falarem desta maneira, jamais verão a alva." Isa. 8:20. No português de hoje, o sentido é o seguinte: "Comparemos toda doutrina com os ensinamentos da Bíblia. Se não concordam com eles, estão em trevas; não têm iluminação alguma." Além disso, Jesus declarou: "A Tua Palavra (a Bíblia) é a verdade." S. João 17:17.

Segundo os teósofos, Deus seria "um princípio", uma espécie de poder, uma influência. Segundo a Bíblia, Deus é uma Pessoa perfeitamente diferenciada e totalmente independente de Sua criação. Dificilmente haveria outra doutrina mais



Arq. Casa

Em seus escritos, o profeta Daniel apresenta-nos o Senhor Deus como uma Pessoa, e não uma influência energizante como pretendem os teósofos.

ampla e claramente ensinada na Bíblia. Na *Concordância Bíblica* aparecem 55 colunas de textos referentes ao tema, distribuídas em 19 páginas. Damos um exemplo, escolhido casualmente: "Assim fala o Senhor dos Exércitos: Este povo diz: Não veio ainda o tempo, o tempo em que a casa do Senhor deve ser edificada." Ageu 1:2. Deus fala. Ele tem nome. Dá uma mensagem definida. Não é um "princípio"; é uma Pessoa.

Os teósofos dizem que Deus é "inimaginável e indescritível". Mas Daniel O contemplou em visão profética e nos descreve o que viu a Seu respeito (Dan. 7:9-14). Isto significa que em determinadas circunstâncias, precisamente por ser uma Pessoa, o Deus da Bíblia é imaginável e descritível.

Os teósofos dizem que Deus "é o grande Doador da vida que mora dentro de nós e fora de nós". Se acrescentarmos a isso que o Universo "vive, se move e existe nEle" e que "Ele é imanente, ou está imerso, em cada átomo", deparamos com uma concepção de Deus que, se não é panteísta, se parece bastante com o panteísmo, o qual é a doutrina que assevera que Deus

A Bíblia explicita, abundantemente, que Deus é o Autor da Natureza. Ele a fez e mantém. O neopanteísmo teosófico nega esta verdade fundamental.



A. Devaney

está em todas as coisas existentes, animadas e inanimadas, dentro de nós e fora de nós. É evidente que a teosofia procura despersonalizar a Deus, e, neste aspecto, lamentavelmente, não concorda com a Bíblia que, como já dissemos, ensina definitivamente que Deus é uma Pessoa totalmente independente de Sua criação.

A trindade teosófica: o Primeiro Logos, o Segundo Logos e o Terceiro Logos, também não concorda com a Trindade bíblica. A primeira é um desdobramento de Deus para o cumprimento de funções criadoras específicas. A segunda é a tríplice manifestação do mesmo e único Deus pessoal em benefício do homem e para sua salvação. A trindade teosófica não salva ninguém. A Trindade bíblica é essencialmente salvadora e está dedicada à tarefa de beneficiar o homem. (S. Mat. 28:18-20; Rom. 1:7; I Cor. 1:3; II Cor. 1:2; Efés. 6:23; Filip. 1:2; 2:11; Col. 1:2; II Tim. 1:2; II Cor. 13:13; e muitas outras referências.)

A teosofia nos ensina que "não se pode ouvir, nem ver, nem tocar" a Deus. Mas o apóstolo João nos diz: "O que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo (Logos) da vida..., e o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros." I S. João 1:1-3. O Deus da teosofia não se pode ver, nem ouvir, nem tocar. O da Bíblia, sim, pois João O viu, ouviu e tocou. Jesus disse: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus." S. Mat. 5:8. E quando Jesus — Ele é Deus em todo o sentido da palavra — regressar, "todo olho O verá" (Apoc. 1:7).

O Deus da teosofia não pode ser conhecido; só se pode percebê-lo: O Deus da Bíblia pode ser conhecido: "E a vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." S. João 17:3.

Conclusão: O conceito teosófico e o conceito bíblico de Deus não concordam em vários aspectos fundamentais. Portanto, um desses dois conceitos deve ser errôneo, pois a verdade é uma só.

Conceito do Universo. A cosmologia teosófica é muito parecida com a cosmogonia hindu, da qual evidentemente deriva. Segundo ela, a criação está constantemente se expandindo e contraindo. Cada expansão pode durar milhões de anos, e pode ocorrer a mesma coisa com cada contração. Em outras palavras, segundo essa teoria o Universo passa por etapas sucessivas de vida e de morte, para ressuscitar

tar outra vez. Aparentemente, agora nos encontramos num desses períodos de expansão do Universo. Porém, em determinado momento, o Logos Solar (?) se manifesta no fim da contração e no começo da expansão, e sopra no abismo produzido pela contração, enchendo com sua energia todo esse espaço. Assim se expande uma vasta esfera dentro da qual é produzido um gigantesco vórtice, que finalmente se transforma numa nebulosa. O Logos envia sucessivos impulsos a essa nebulosa, até serem produzidos sete mundos materiais concêntricos, com diferentes graus de densidade. Esses sete mundos constituem os sete planos que os teósofos denominam: 1. Físico; 2. Astral; 3. Mental; 4. Búdico; 5. Atômico; 6. Anapudaka; e 7. Adi. Cada um destes sete grandes planos se subdivide em sete subplanos.

A Bíblia não entra em tantas complicações que, por outro lado, são indemonstráveis. Seu primeiro versículo nos diz: "No princípio criou Deus os céus e a Terra." Gên. 1:1. Esse "no princípio" significa a eternidade passada. Deus criou o Universo em algum momento da eternidade. Não sabemos, porém, quando e como o fez, porque Ele não o revelou. E isso por uma razão bem simples: não o compreenderíamos, e não afeta absolutamente a nossa salvação e a nosso bem-estar eterno. Quando gozarmos a vida eterna em Seu reino, teremos tempo para aprender tudo que for necessário saber a esse respeito. No tempo presente, Deus quer que saibamos o que Ele fez com a Terra, a qual é nossa morada natural, e isso está claramente revelado em Gênesis 1 e nos três primeiros versículos do capítulo 2. Segundo essa revelação, Deus criou este planeta para que fosse a habitação dos seres humanos, e o fez em seis dias. Por isso lhes deu o sétimo dia para que o guardassem e sempre se recordassem desse acontecimento.

Por outro lado, tanto quanto sabemos, a cosmogonia teosófica não nos diz nada a respeito da Terra e da criação do homem. É impressionante a indiferença do deus da teosofia para com o homem. Em compensação, o Deus da Bíblia criou o homem por amor, mediante um ato sumamente especial, formou-o à Sua imagem e semelhança, o ama e quer sua salvação e felicidade eternas.

Conclusão: De um ponto de vista puramente científico, tanto a cosmogonia teosófica como a bíblica se encontram no campo das teorias — isto é, constituem suposições a respeito da origem do Universo e da vi-

da que não podem ser demonstradas por meio dos recursos que estão ao alcance da ciência; portanto, tendemos decididamente a aceitar a cosmogonia bíblica, pois se baseia numa revelação muito mais sólida e perfeitamente demonstrável.

O Conceito do Homem. Segundo a teosofia, o ser humano se compõe basicamente de dois elementos: corpo e alma, tal como supunham os filósofos gregos, e como afirma a Igreja Católica e também a maior parte das igrejas protestantes. Visto, porém, que o homem seria, de certo modo, pelo menos uma figura do Universo, o qual, segundo vimos, se manifesta em sete planos, o homem, de acordo com os teósofos, possui sete "corpos": quatro corresponderiam ao corpo propriamente dito, e três à alma. Eilos: 1) corpo físico; 2) corpo vital; 3) corpo astral, ou sede dos desejos; 4) corpo mental. Estes corresponderiam ao corpo propriamente dito. Agora vêm os da alma: 5) corpo causal, ou das faculdades mentais superiores; 6) corpo búdico, ou das faculdades espirituais capazes de captar as bênçãos; e 7) corpo nirvânico ou atômico.

Antes de considerar o conceito bíblico do homem, e levando em conta que a maior parte da população de nossos países é de origem católica, cremos que é bom aclarar aqui que o conceito católico e protestante sobre o homem também não se baseia na Bíblia, e, sim, no pensamento dos filósofos gregos espiritualistas, que concebiam o homem como uma dualidade, isto é, um conjunto de corpo e alma. O corpo, segundo eles, seria material e intrinsecamente mau, e a alma seria espiritual e inatamente boa. A boa alma estaria encarcerada dentro do corpo mau, e sua salvação consistiria em libertar-se desse corpo mau para continuar vivendo como espírito, por toda a eternidade, num ambiente de felicidade ininterrupta. Convém salientar o fato de que a alma, segundo os gregos, é imortal.

Que nos diz a Bíblia sobre este assunto? Em primeiro lugar, que o homem não é um conjunto de sete corpos, como afirmam os teósofos, nem de dois elementos contraditórios, como declaravam os gregos e continua afirmando o cristianismo popular, mas uma unidade constituída de dois elementos inseparáveis, a saber: o pó da terra e o fôlego de vida ou energia vital procedente de Deus. Ao referir-se à criação do homem, a Bíblia nos diz: "Então formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra, e lhe soprou

nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente." Gên. 2:7.

Façamos uma soma: Pó da terra + fôlego de vida = ser vivente. Está comprovado cientificamente que o corpo humano é formado por elementos procedentes do pó da terra. Esses elementos, vivificados milagrosamente por Deus, dão como resultado um ser humano vivo. Deve ficar bem claro que o "fôlego de vida" mencionado aqui não é a alma. A expressão "ser vivente" também pode ser traduzida por "alma vivente". Cada ser humano, segundo a Bíblia, é uma alma; e seu corpo faz parte dessa alma. Se Deus retira Seu fôlego de vida, não há mais alma, mas somente um cadáver, que ao decompor-se devolve à terra os elementos que dela foram obtidos ao formar-se o organismo humano.

Pois bem, segundo Gênesis 1:26, o homem foi criado a imagem de Deus, que é uma "Trindade": Pai, Filho e Espírito Santo — isto é, um só Deus manifestado em três pessoas que continuam sendo o mesmo e único Deus. Lemos: "O mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo." I Tess. 5:23. (O grifo é nosso.) Aqui está a "trindade": espírito, alma e corpo. As palavras gregas correspondentes — pois o original do Novo Testamento foi escrito em grego — são *pneuma* (vento ou ar), *psyche* (mente; desta raiz provém a palavra psique) e *soma* (corpo). Agimos por meio do corpo; por meio de nosso espírito percebemos se algo é bom ou mau, e também — isto é muito importante — podemos pôr-nos em comunicação com Deus, conhecê-Lo, adorá-Lo e aceitar a salvação que nos oferece.

Conclusão: O conceito teosófico do homem não concorda com o da Bíblia. E também não se harmoniza com o conceito greco-católico. O que a Bíblia nos ensina sobre o homem é perfeitamente corrente e compreensível.

Conceito Sobre a Salvação. A teosofia não ensina coisa alguma que se aproxime do conceito bíblico da salvação. Em compensação, a Bíblia inteira gira em torno do grande assunto da salvação do homem.

Segundo a teosofia, a alma humana é uma emanção, ou melhor, uma centelha de Deus; uma porção diminuta que se desprende de Deus para viver independentemente. Quando sucedeu isso? Segundo os teósofos, pode haver sido há mi-

lhões de anos. O interessante é que apesar de ser um desprendimento de Deus — que se supõe ser perfeito — a alma humana precisa aperfeiçoar-se. Para consegui-lo, pode necessitar de milhões e milhões de anos e passar por numerosíssimas reencarnações, até que por fim, ao alcançar a perfeição, graças exclusivamente a seu próprio esforço, entra no Nirvana ou êxtase que é produzido pelo regresso ao seio da Divindade.

Como as almas caíram na imperfeição? A teosofia não o explica. Pelo menos, no que temos lido, não encontramos a menor exploração. Afigura-se que para os teósofos o bem e o mal são igualmente necessários; são como as duas faces da mesma moeda: uma complementa a outra. Nesse caso, o mal complementa o bem, a imperfeição à perfeição. Em outras palavras, seria necessário passar pela imperfeição para obter, por fim, após esforços mais que denodados e prolongadíssimos, a perfeição anelada. Sob essa perspectiva, o quadro que a teosofia nos apresenta acerca da vida é tremendamente desalentador.

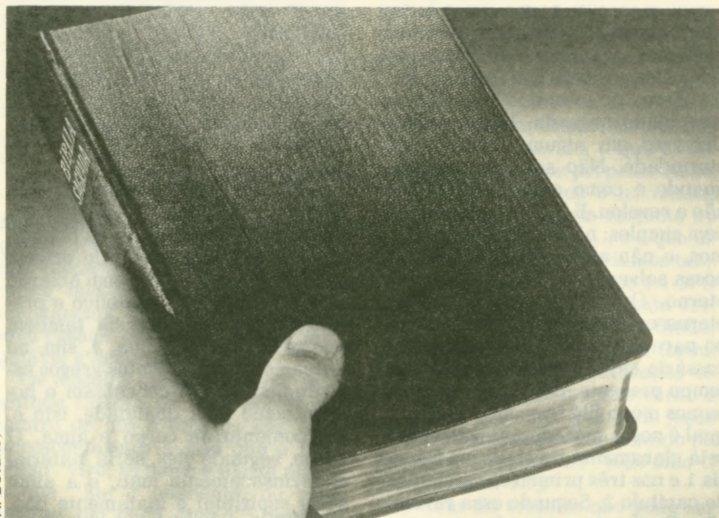
De qualquer modo, a meta da perfeição — sempre segundo a teosofia — é alcançada afinal, através de tempo prolongadíssimo, por meio de um método que é a reencarnação, também chamada transmigração das almas ou metempsicose, dentro do âmbito de uma lei, que os teósofos afirmam ser a mais justa que há no Universo, e à qual dão o nome de "carma".

Segundo a doutrina da reencarnação, a alma não somente é imortal, mas tem a faculdade de reaparecer numerosas vezes neste mundo, por meio de corpos distintos, quer sejam de animais ou de seres humanos, reencarnando-se neles. Se no curso de sua vida humana alguém viveu dissolutamente, sua alma, depois de evolucionar pelas regiões etéreas durante 800 a 1.500 anos, pode reencarnar-se num animal, e se, como animal, se portar bem, depois de morrer e do transcurso de um período mais ou menos parecido, pode reencarnar-se num ser humano. Se novamente, como ser humano, continuar a portar-se bem, após a morte e conseqüente descanso de 800 a 1.500 anos se encarnará em outro ser humano superior, e assim sucessivamente, *ad infinitum*, até chegar ao Nirvana...

Que é o carma? É uma lei moral que pode ser definida com o ditado popular: "Quem faz, paga." Com o aditamento teosófico de que "se não nesta vida, ele a paga em sua próxima reencarnação". Os teósofos explicam por meio do carma as

calamidades ou desgraças que sobrevêm inexplicavelmente a algumas pessoas que aparentemente não mereceriam, de modo algum, sofrer semelhantes sinistros. "Estão pagando alguma falta cometida em uma vida anterior", dizem eles. A única incongruência é que se nos acontece alguma desgraça agora, podemos saber que estamos pagando por algo que fizemos talvez há uns três mil anos, numa vida anterior, e de que não temos agora a mínima informação.

A Bíblia diz que Deus fez este Universo perfeitamente bom, sem vestígios do mal (Gên. 1:31). Segundo a Bíblia, o mal é um intruso que não tem absolutamente nada que fazer aqui; de modo algum é o complemento do bem; pelo contrário, é seu inimigo, e quando terminar o plano da salvação elaborado por Deus, o mal desaparecerá definitivamente, e para sempre, do Universo.



A. Devaney

"À Lei e ao Testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca lhes raiará a alva."

Segundo a teosofia, o homem chega iniludivelmente à perfeição graças a seu esforço pessoal. Em outras palavras, o homem é seu próprio salvador. Segundo a Bíblia, o homem, ao cair, cerceou todas as suas possibilidades de alcançar a perfeição, pois caiu de um estado de perfeição. Portanto, é impossível que se salve por seus próprios esforços. A Bíblia nos ensina que a salvação é uma obra que só Deus pode fazer. Nossa parte consiste em aceitar essa salvação.

Segundo a teosofia, a lei do carma regula nossa vida e nos faz pagar por faltas que desconhecemos totalmente. Segundo a Bíblia, a lei moral por excelência são os Dez Mandamentos, que nos indicam

nossos deveres para com Deus e para com nossos semelhantes. Eles têm tanta perfeição que jamais puderam ser superados. Pagaremos somente por culpas de que somos conscientes, a menos que nos sejam perdoadas ao aceitar a salvação oferecida por Jesus. Os infortúnios que ocorrem em nossa vida não são o pagamento de dívidas contraídas em vidas anteriores, mas a conseqüência do fato de estarmos vivendo no campo de batalha entre as forças do bem e do mal, e que alguma bala perdida nos pode atingir. Temos, porém, a promessa de Deus, de que isto logo acabará, e quando isso ocorrer, Ele nos "enuugará dos olhos toda lágrima" (Apoc. 21:4).

Para terminar, diremos que a revelação da Bíblia é infinitamente superior às revelações que servem de base para a teosofia. A Sra. Blavatsky recebeu suas doutrinas por

intermédio de alguns mestres desconhecidos. A Bíblia é fruto do que escreveram uns quarenta homens, ao longo de 1.600 anos, e com os quais Deus mesmo falou sem intermediários de espécie alguma.

Desejamos de todo o coração que as informações que proporcionamos por meio deste artigo dêem a nossos leitores não somente uma visão panorâmica e resumida da teosofia, mas também, e sobretudo, do fato de que suas doutrinas não concordam com as das Escrituras Sagradas. Oxalá o Senhor ajude e abençoe a cada leitor, ao ter de lidar com teósofos ou com pessoas que estão pendendo para a teosofia. A verdadeira sabedoria de Deus está na Bíblia. ❧

«EU A CONHEÇO!»



Barradas/Casa

Neste ano, meu esposo e eu completamos 19 anos no ministério. A gente fecha os olhos e relembra coisas — tantas coisas!... alegres e tristes, gratas e ingratas que se passaram nesse período de trabalho.

Lembro-me, por exemplo, dos primeiros anos lá em Nanuque, lugar difícil, longe dos entes queridos, e ainda éramos recém-casados. Meu esposo lançou-se ao trabalho de modo incansável, com entusiasmo, com todo o vigor da juventude. Lembro-me daquela primeira série de conferências. Cada noite o salão estava lotado, e meu marido ficava feliz. Eu, por minha parte, numa pequena sala, lutava com os meninos. Ficava quase desesperada com o barulho ensurdecedor dos garotos, pois ninguém parecia prestar atenção ao que eu falava, por mais material audiovisual que apresentasse.

O tempo foi passando. Meses depois, meu marido viu as primeiras almas batizadas como fruto das conferências; ali estavam os resultados de seu trabalho. Ele podia vê-las, abraçá-las, e um sorriso de satisfação aparecia em seu rosto. Eu, pelo contrário, se bem é certo, sentia-me feliz com o sucesso que Deus lhe dava, ficava com uma sensação de fracasso lá no fundo do meu coração. O que havia conseguido? Podia ver o resultado do meu trabalho? Parecia que não. Aqueles meninos continuavam irreverentes e parecia que todo o meu tempo havia sido gasto em vão.

Passaram-se muitos e muitos



Erló/Casa

Iracilda Rodrigues Stabenow

anos... Outro dia, estava entrando no IAE, e, no portão de entrada, aconteceu algo muito interessante. O rapaz que vigiava a entrada, olhando-me fixamente, disse: "Eu a conheço!" A princípio fiquei surpresa. Mas logo ele continuou: "Em Nanuque, foi em Nanuque. Sim, eu nunca poderei esquecê-la. A senhora me ensinava quando eu era menino. Era o mais barulhento da turma. A senhora muitas vezes teve vontade de me expulsar; eu podia ver isto em seus olhos. Eu podia ver a senhora desapontada com os meninos, mas olhe como são as coisas: eu nunca me esqueci de tudo o que a senhora falou. Muitas vezes tive vontade de sair da igreja, mas sem-

pre me lembrava de seus conselhos, de suas palavras, e foi isto tudo que me ajudou a ficar na igreja e a preparar-me para um dia servir à Obra como pastor."

Naquele dia, ao chegar a noite, eu orei ao Senhor e disse: "Ó Senhor, perdoa-me por ter pensado que meu trabalho não dava frutos. Hoje, depois de tantos anos, pude ver nesse rapaz a colheita que parecia que nunca iria colher. Sim, Senhor, sou muito grata por ser a esposa de um pastor."

A gente, às vezes, fecha os olhos e relembra coisas — tantas coisas! ... e algumas delas tiram da gente uma lágrima de gratidão, como esta, por exemplo. ❧

«Dos Tais é o Reino dos Céus»

Alvin C. Rose
Pastor metodista em
Jennings, Kansas, EE.UU.

A congregação da Igreja de Placid Place pegou seus boletins e tornou a olhá-los. Eles continham este anúncio: "Momentos do Pastor com as Crianças." Dar-se-ia o caso de que, finalmente, depois de meses de creions, papel, balas de hortelã e chicletes, as crianças teriam sua própria parte especial no culto? O fato era que havia um inquietante bulício na plataforma. O Pastor Jay Cale subiu ao estrado e limpou a garganta (havia certo tremor em sua voz?).

— A Comissão do Culto reuniu-se na sexta-feira e decidiu que as crianças devem ser incluídas em nossos cultos... e ..., portanto, ... as crianças querem ter a bondade de vir à frente?

Jaime, que já tinha acabado de comer três doces, rabiscar três folhas de papel e quebrar dois creions, ouviu o prolongado convite e atendeu-o prontamente. Pulando de seu assento na décima segunda fileira, ele empregou toda a energia de seus sete anos de idade para dar à congregação uma imediata repetição da corrida vista pela televisão no dia anterior. Bem poucos pais tiveram tempo para tentar agarrar seus jovens atletas que estavam de partida.

O Pastor Cale parecia estar prestes a desaparecer sob os "casacos" da enorme manada. Mas, um pouco abalado por haver escapado por um triz, ele indicou por meio de gestos que as crianças deviam sentar-se nos degraus ali por perto. Chegara o Grande Momento — mas haveria uma dilatação. A pequena Robbie, de três anos de idade, um dos primeiros a chegar à frente, descobriu que sua mãe não estava ao seu lado, começou a gritar a plenos pulmões e retornou à segurança do colo da mãe.

— Agora, CRIANÇAS — disse o Pastor Cale no audaz empenho de recuperar a iniciativa — a Bíblia afirma que Jesus ama a todos nós ... e a gravura que tenho aqui...

— Joãozinho, pare com isso! (Ele estava puxando as tranças de uma menina sentada à sua frente.)

— A gravura que tenho aqui ...

mostra um pescador ... Sim, eu sei que seu pai tem um barco. Este pescador ... Crianças, fiquem quietas, por favor!

— O que esse pescador está procurando fazer?

— Fugir de sua mamãe, para não terem de brigar — respondeu em voz alta uma criança de cinco anos de idade e cabelos ruivos.

Encolhendo-se, o Pastor Cale não fez caso da resposta. Joãozinho, que momentaneamente deixara de puxar tranças, replicou:

— Pegar um peixe!

— Certo! ... Não, Dickie, eu não tenho um barco. (De vez em quando a voz do Pastor Cale podia ser ouvida no meio da algazarra.)

— Sim, eu sei que seu papai foi pescar neste fim de semana, Margarida. O PONTO É ESTE: Jesus disse que devemos ser ... pescadores de homens. Devemos partilhar o amor de Deus ... Que é mesmo que devemos fazer? (O auditório freme de expectativa.)

— Oh! ir pescar com Jesus. (Alívio!)

— Sim, ... quero dizer ... Oh! Oremos! Obrigado, Senhor, por Tua paciência e amor. Amém!

A medida que os anjinhos retornam ufantemente para junto de seus familiares (acaso não tinham contribuído para a educação de seu pastor?), o Pastor Cale se dirige para o púlpito, onde sua apresentação das onze horas parece caracterizar-se por um aspecto estranho e aturdido.

Na realidade, eles haviam contribuído para a educação do pastor! Infelizmente, ele não pôde progredir um pouco mais com a ajuda de outros professores, antes de participar da Escola Para Comunicadores Aspirantes do Evangelho às Crianças. Como alguém que tem tido experiência em ambas essas escolas, desejo partilhar algumas lições que teriam ajudado o Pastor Cale.

Em primeiro lugar, a decisão de que houvesse os Momentos do Pastor com as Crianças não devia ter sido tomada pela Comissão do Culto, ou mesmo pelo próprio pastor,

na sexta-feira, pouco antes do Grande Momento. Cumpria que houvesse planejamento. A comissão devia perguntar: Que desejamos realizar? Que auxílio podemos prestar à pessoa que será convidada para dirigir essa parte? Como podemos usar esse período da melhor maneira possível? (E outras perguntas mais.) Colocar o fardo dessas decisões inteiramente sobre o dirigente "ungido" somente contribui para aumentar sua apreensão e ansiedade. Deve haver um espírito de mútuo apoio e animação entre o dirigente e a comissão.

Há valiosas razões para incluir as crianças no culto divino. Diz a Dra. Harriet Miller, professora de Educação Cristã no Seminário Teológico Unido, em Dayton, Ohio: "As crianças aprendem por experimentar intimidade com Deus e com os outros. Há poucos momentos de verdadeira reverência e admiração nos cultos regulares. Os pastores precisam ter alguma relação direta com as crianças, numa base informal e instrutiva."

A preparação é essencial — mais essencial do que o Pastor Cale parecia compreender. Diz o Dr. Jorge Boone, clérigo presbiteriano nos Estados Unidos: "Em vez de ser simples, as crianças realmente compreendem coisas profundas. A preparação para partilhar o evangelho com elas amiúde requer mais exegese do que para os adultos."

Se houver necessidade de incentivos e objetos, eles devem estar de antemão em seu devido lugar. Antes do culto, sempre convém fazer uma verificação, para certificar-se de que não foram removidos por alguma outra pessoa.

Ensaie. Não leia ao fazer a apresentação. As crianças ficam perturbadas. Quando você perder o fio do pensamento, elas ficarão muito contentes se houver uma mudança de assunto. Manter comunicação com a maioria das crianças que estão à sua frente é mais do que importante — é essencial! Fique em pé ou sente-se onde tanto as crianças como a congregação possam vê-lo e ouvi-lo.

Fale com clareza, mas não muito alto. As crianças têm aversão por vozes muito fortes. Mova-se de uma parte para a outra. As crianças gostam de movimento e correspondem à liberdade de movimento de quem fala. A maneira como você reage ao movimento *delas* determinará o resultado da experiência de mútuo aprendizado.

Pregue a Palavra. Certifique-se de estar partilhando algo que mereça ser comunicado. Prepare o espírito das crianças para a parte restante do culto fazendo alusões ao sermão que será proferido. Isso também pode aumentar o interesse dos adultos naquilo que irá seguir-se.

Não fique perturbado com a atenção dividida. Em geral você terá toda a atenção dos adultos e uma parte da atenção das crianças. A maioria das criaturas de olhos arregalados que estão à sua frente vieram para ouvi-lo. Não se preocupe com o pequeno número das outras. É difícil para todo orador prender a atenção de um grupo de indivíduos com tanta variedade etária e de interesses, pois o auditório composto de crianças varia geralmente de pequerruchos de dois anos e meio de idade até alunos da sexta série. Tenha o objetivo de partilhar alguma coisa de valor com a maioria reunida à sua frente, e de uma maneira que prenda a atenção e o interesse.

Você observará provavelmente muitas formas de exuberância juvenil, algumas das quais serão difíceis de vencer. Sua reação determinará, em grande parte, quão eficaz é sua influência sobre o grupo maior. Eis aqui alguns dos tipos mais comuns de distrações e alguns meios de reação e controle:

1. *Os exibidos.* A necessidade de atenção por parte dessas crianças é extremamente elevada. Elas farão qualquer coisa para obter atenção e aprovação. Sua reação pode significar a diferença entre melhor comportamento e o caos. Uma palavra bondosa pode fazer muita coisa para modificar a situação. Se a criança sabe que é amada e aceita quando age de modo menos agressivo, sua conduta irá melhorar.

2. *Os tagarelas.* Estas crianças competem com você pela atenção do auditório. Incentive-as a prestarem atenção junto com o grupo, com uma resposta como esta: "Obrigado por sua participação. Agora, crianças, vamos todos ouvir o que a Bíblia (o pastor, esta ilustração) tem para nos dizer."

3. *As crianças amedrontadas.* Elas são intimidadas pelo ambiente. Tomar um momento para confortar



Werner/Casa

Certas crianças tudo farão para atrair a atenção. Repreendê-las, simplesmente, não basta. É necessário ganhar sua simpatia e atenção.

tá-las não é inoportuno. Às vezes as crianças podem ser acalmadas sendo estimuladas a aproximar-se da pessoa que está falando.

4. *Os divagadores.* Se a criança não estiver destruindo algum objeto importante, não se distraia com as suas vagueações. Se for necessário "socorrer" a criança, convém fazê-lo sem qualquer comentário e com a menor agitação possível.

5. *As crianças enfadadas.* De vez em quando, você será saudado por olhares inexpressivos, alheios aos seus comentários. Não fique alarmado; inclua essas crianças na apresentação por meio de gestos ou toques suaves. Procure demonstrar-lhes que se interessa por sua presença. A cordialidade tem muito valor para abrir a personalidade de uma criança.

6. *As crianças maiores.* Lembre-se do irmão Alfredo? Por um momento, você também conquistou o seu interesse. Como a maioria dos adultos presentes, ele está prestando atenção — e não somente por causa das respostas que seu filho talvez esteja dando. Pode ser que ele recorde a ocasião em que era criança e ouviu a mensagem evangélica pela primeira vez. Esse momento especial não é apenas para as crianças se tornarem pequenos adultos, mas também para os adultos se tornarem como crianças, ouvindo a mensagem do evangelho com sincera fé e confiança.

Uma palavra de advertência:

Não use o período especial das crianças para enviar mensagens "cifradas" para os adultos. Você terá a próxima meia hora para falar a estes últimos.

O que o dirigente deve partilhar com as crianças? Um pastor passou vários meses explicando objetos do santuário e mencionando sua importância para o culto. Outro imprimia cada semana um boletim especial para as crianças e explicava um aspecto diferente do culto de cada vez. Falar sobre a origem de hinos ou sobre a experiência de compositores de hinos sempre é apropriado. Certos dirigentes de igreja podem proporcionar rica fonte de histórias.

Experimente ampla variedade de recursos e idéias. Algumas regras simples podem ajudá-lo a partilhar o evangelho:

1. *Faça uso da variedade.* Nenhum estilo de comunicação pode ser eficaz para todas as crianças e em todas as situações. A variedade é a chave para comunicação significativa.

2. *Proceda com naturalidade.* Não procure "representar" ou ser diferente do que você é em outras circunstâncias. Se não agir com naturalidade, as crianças irão percebê-lo.

3. *Transmita entusiasmo* pelo que está fazendo, mas nunca fale insolentemente com as crianças. Procure tratar a cada uma delas como indivíduos que vieram partilhar algo e receber instrução.

4. *Não se assuste com imprevistos.* Não fique consternado se houver risos (ou ausência deles) quando uma criança disser alguma coisa. Seja paciente com as interrupções. Afinal de contas, você tem a palavra, e alguns estão ouvindo a mensagem que está sendo transmitida.

5. *Esteja preparado.* A atenção de seu auditório geralmente é proporcional à sua preparação.

6. *Tenha o sincero desejo* de partilhar o amor de Deus por meio de Sua Palavra. Este é o único requisito destas regras.

Como sua apresentação influirá sobre as crianças? Você só pode fazer conjecturas sobre como serão aplicadas as suas lições. Inevitavelmente, porém, as crianças se tornarão os adultos de sua congregação. E cada uma delas colherá alguma coisa das sementes que você plantou no jardim da fé.

Que nos resta fazer, senão avançar em paz e amor, convidando os pequeninos a participarem de experiências de crescimento que lhes avivem a fé? ■■

SE EU FOSSE PASTOR...

Herbert Ford

Professor de Comunicação no Colégio
União do Pacífico, Califórnia,
Estados Unidos.

Se eu fosse pastor...! A suposição é suficiente para impelir-me à eloquência, porque não sou pastor de igreja, não tenho de enfrentar problemas pastorais e, na realidade, nunca exerci essa função, a despeito do fato de que sou um ministro ordenado e labutei junto com centenas de pastores, tanto em bons como em maus tempos.

Naturalmente, percebo que alguns leitores (talvez muitos) irão dizer: "Se você não tem sido pastor, não pode compreender meus problemas, nem partilhar minhas alegrias ou suportar minhas tristezas. E mesmo que fosse pastor, provavelmente não teria sido pastor numa cidade como a minha, com os horrendos problemas encontrados em minha congregação e a deplorável administração que constitui a cruz especial que tenho de levar. Seja como for, nada tem para dizer-me!"

Essas afirmações são um tanto infundadas. A "deficiência" de não ser pastor pode prover oportunidades para uma perspectiva de especial valor. Assim, embora eu o convide a contestar-me quando eu me perder em divagações, estou certo de que posso referir-me a suas preocupações a despeito da "desvantagem" de não ser pastor de igreja.

Se eu fosse pastor, e me atribuíssem um novo pastorado, reservaria uma hora ou duas, entre o descarregamento do caminhão de mudança e a arrumação dos móveis e utensílios na nova casa, para compreender que minha paróquia não deve abrange somente os 391 membros arrolados nos livros da igreja, mas também todas as pessoas de minha nova cidade — o chefe dos bombeiros, o inspetor das escolas, o pretense porta-voz dos espanhóis que se acham aglomerados do outro lado dos trilhos da estrada de ferro, o delegado de polícia e o gerente do Jumbo, embora

eu pretenda fazer minhas compras na Sears.

Com a finalidade de inteirar-me das necessidades especiais de minha comunidade, eu resolveria visitar uma dessas pessoas — pelo menos uma — por semana, a despeito do amparo, dos casamentos ou dos enterros que tenha de realizar para os santos que ocupam os bancos de minha igreja aos sábados de manhã. E acrescentaria a esse compromisso a resolução de deixar tudo e ir amparar qualquer pessoa que esteja sendo muito afligida — quer seja o prefeito ou o pai e a mãe daquelas duas crianças mortas por um ébrio alucinado. Não importa se sejam, ou não, membros de minha congregação, pois eu consideraria toda a comunidade como minha congregação.

É óbvio que alguns criticariam a amplitude de semelhante missão pastoral. Cristo foi criticado pelos tacanhos fariseus, ao comer com publicanos e pecadores, ao confortar indivíduos proscritos e mulheres de má fama. Quando era censurado por essas relações de amizade, o Mestre replicava: "Os não precisam de médico, e, sim, os doentes. Não vim chamar justos, e, sim, pecadores ao arrependimento." S. Luc. 5:31 e 32.

Sempre tem sido difícil, para muitos de nossos membros de igreja, compreender que para apelar com amor para um pecador temos de aproximar-nos dele e conquistá-lo a confiança e afeição. Não podemos manter uma pessoa o mais longe possível e tocar essa vida da maneira como devemos fazê-lo para que, pela graça de Deus, nos tornemos instrumentos de Seu amor.

Howard Weeks, em seu livro *Breakthrough*, fala de um pastor adventista do sétimo dia que aceitou tal espécie de missão pastoral. Visto como ele não só estava interessado, mas era interessante, tornou-se membro ativo dos *Kiwanis* e

foi convidado a ser o capelão desse clube. Ele decidiu fazer algo mais além de dar graças pelo alimento em suas refeições. Atendeu às necessidades espirituais desses homens; visitava-os quando estavam doentes, confortava-os quando se achavam enlutados, aconselhava-os quando eram fracos espiritualmente.

Quando ele foi chamado para outro pastorado, os *Kiwanis*, pelos quais efetuara tanta coisa, realizaram um jantar de despedida em sua homenagem. Cada um deles mencionou algo que o pastor fizera para ajudá-lo. Em seguida, o pastor falou-lhes mais uma vez, como um grupo, sobre a grande responsabilidade espiritual que sentia em prol de cada um deles. Declarou que a coisa mais importante que cada qual podia fazer era preparar-se para entrar no Reino eterno. Quase não havia olhos enxutos quando ele acabou de falar. Incluíra todos eles no círculo do amor de Deus e apelara para sua natureza mais elevada.

Ao chegar a sua nova cidade, antes mesmo de estabelecer-se ali, esse pastor leu no jornal que o chefe da polícia estava em grave dificuldade política com facções dissidentes. Num ato que quase se tornara uma segunda natureza, dirigiu-se imediatamente à prefeitura e pediu licença para falar com o chefe da polícia, embora nunca o houvesse visto antes! Mal acabara de chegar à cidade!

No gabinete desse homem, identificou-se como o novo pastor adventista do sétimo dia.

— Achei que devia vê-lo esta manhã — explicou. — Não sei coisa alguma sobre a política envolvida nessa contenda; isso não é da minha alçada. Sei, porém, que numa situação como essa, os homens enfrentam a grande tentação de fazer o que é mais oportuno, e não o que é correto. Simplesmente vim animá-lo. Faça o que é correto, chefe. Custe o que custar, faça o que no fundo

do coração sabe que é correto.

Os olhos do delegado encheram-se de lágrimas.

— Sente-se — disse ele, pegando o pastor pelo braço. — Ninguém falou comigo dessa maneira desde que deixei de sentar-me no colo de minha mãe.

Então eles conversaram por longo tempo. Ajoelharam-se lá no gabinete e oraram. Quando o pastor partiu, deixou um homem mais perto de Deus e mais forte.

“Nossa atitude para com a sociedade na qual Deus nos colocou talvez determine nosso êxito na comunicação, mais do que quaisquer atitudes desfavoráveis dessa sociedade para com a igreja no tempo presente”, escreve o Dr. Weeks. “Não consideremos meramente a comunidade como um campo em conflito do qual possamos retirar-nos com um punhado de fiéis, queimando o resto como solo estéril. Antes, consideremo-la como uma sociedade de filhos de Deus, sendo que Ele quer que labutemos em prol de todos eles, pois gostaria de salvar a todos, se fosse possível.”

Naturalmente, muitos pastores sobrecarregados podem contestar este conceito do ministério, dizendo: “Como posso amparar as pessoas necessitadas da comunidade, se nem sequer disponho de tempo suficiente para amparar os membros de minha própria igreja?”

Se eu fosse pastor, reorganizaria minhas prioridades no tocante a minha própria congregação. Determinaria que ela realizasse, de um modo ou outro, a mesma obra que estarei efetuando ao procurar pessoas na comunidade às quais possa demonstrar amor e compreensão e, assim, o amor de Cristo.

Segundo é evidente, não podemos conquistar nossas comunidades para Cristo se não aprendermos a conhecê-las. Quando você prega para sua congregação, como sabe o que deve pregar? Procura entrar em contato com os membros e inteirar-se de suas necessidades. E os seus sermões refletem, ou devem refletir, essas necessidades. E deveria acontecer a mesma coisa com a sua comunidade de como um todo: Se quiser acercar-se de sua comunidade, por amor ao evangelho, precisa conhecê-la. E sua congregação poderá ajudá-lo; na realidade, para não cair em erro, ela deve fazê-lo.

É surpreendente quanta ajuda se pode obter da congregação para conhecer melhor a comunidade. Divida os membros em pequenas unidades que se ocupem em descobrir fatos. Uma unidade poderá estudar a população da comunidade, sua



Eric/Casa

As visitas pastorais às famílias de sua igreja, estreitarão os laços de amizade cristã entre os membros e o seu pastor.

estrutura etária, o número de jovens, famílias com crianças, os níveis de educação e de renda, as espécies de residências das pessoas, a distribuição da renda, divisões étnicas e raciais, etc. Outra unidade poderá estudar os planos de desenvolvimento da comunidade; outra, o histórico da cidade; mais outra, a estrutura religiosa; e outra ainda, os meios de comunicação.

E durante todo o tempo em que essas unidades estiverem realizando o seu trabalho elas terão a oportunidade de mostrar à comunidade que a igreja se interessa por ela, e poderão proferir uma palavra de coragem e estímulo aqui e ali.

Quando dez ou quinze dessas unidades estiverem operando, com quarenta e cinco a setenta e cinco por cento dos membros diretamente envolvidos, se propagará rapidamente a notícia de que a igreja está procurando obter informações sobre a comunidade para socorrê-la com amizade.

E enquanto essas diversas unidades estivessem trabalhando, se eu fosse pastor, continuaria a visitar cada semana pelo menos uma pessoa que exerce liderança na comunidade. Essas visitas não seriam para marcar estudos bíblicos, mas para estabelecer uma base em comum, travar amizades e aprender tudo que for possível sobre as opiniões dessas pessoas a respeito das necessidades da comunidade e como minha igreja poderá supri-las. Eu falaria de maneira cordial e daria muita atenção às atitudes para com a minha igreja. Pode crer que se você realizar persistentemente as visitas deste modo, haverá estudos bíblicos!

Nas visitas pessoais na comunidade, eu e os membros das unidades da igreja estaríamos muito atentos para captar os sinais diretos ou indiretos do que as pessoas estão

dizendo sobre nossa igreja. Essas informações são importantes, e precisamos usá-las com oração e diligência.

Se eu fosse pastor, ocupar-me-ia em seguir as valiosas informações colhidas na comunidade por minhas unidades. Transformaria todo membro da igreja num evangelista de relações públicas, a fim de certificar-me de que nossa igreja atuasse na comunidade como um amigo, procurando amizade, pronta para ajudar de um modo cristão que naturalmente ocasione reciprocidade.

Como pastor, eu saberia (e faria com que meu povo soubesse) que a estratégia da amizade falhará se cada membro da congregação não estiver plenamente ciente de que ele ou ela cria a realidade detrás da imagem da igreja na mente do público. Por todos os métodos que fossem necessários, eu ensinaria a minha igreja que não estamos meramente buscando obter a atenção pública; queremos ter amizade com nossa comunidade. Desejamos falar como os amigos falam um com o outro. Quando conversamos com nossos vizinhos, não desejamos fazê-lo como vendedores religiosos. Queremos conversar como amigos, e isso constitui uma diferença decisiva.

Os membros de minha igreja vieram a saber que um amigo fala, mas um amigo também ouve, e isso significa que a igreja dá atenção à comunidade, e também solicita que a comunidade dê atenção à igreja. E os membros de minha igreja ficariam sabendo que um amigo não se afasta de sua comunidade quando há uma tarefa que precisa ser efetuada, como a participação num projeto indispensável ou na angariação de fundos para uma nova biblioteca.

Na realidade, onde está a maioria dos cristãos adventistas do sétimo dia quando há algo para ser realizado na comunidade? Com demasiada freqüência, eles se ocupam em organizar uma cópia da organização já estabelecida na comunidade, para que possamos fazê-lo “dentro da igreja”. Que empenho para separar-nos o máximo possível daqueles que o Senhor nos incumbiu de alcançar! Se eu fosse pastor, gastaria boa parte de minha energia ensinando a minha congregação que ela não somente deve penetrar, mas também influenciar a comunidade. Eu salientaria tantas vezes quantas fosse necessário que uma igreja não pode estender um convite para seu lar espiritual se não fez amigos. Poderão vir alguns que an-

dam em busca de curiosidades e talvez alguns que estão descontentes. Mas, e amigos? Como poderão vir se não existem?

Como pastor, eu diria a minha congregação que não podemos esperar que os componentes de nossa comunidade se interessem nos alvos e planos de nossa igreja se eles não acreditarem que esses alvos e planos têm alguma utilidade para eles e a comunidade - em suma, que somos seus amigos.

E nos poríamos a trabalhar com uma organização de Relações Públicas composta pelo menos de cinco comissões. Uma comissão de hospitalidade, muito atenta e ativa, cuidaria da recepção na igreja e do programa de reforço. Essa comissão também convidaria dignitários a nossa igreja e entraria em contato com todos os novos moradores da comunidade, dando-lhes as boas-vindas e convidando-os a visitar nossa igreja.

A comissão de publicações emitiria uma carta noticiosa, prepararia o boletim da igreja e manteria um quadro de anúncios recente e interessante.

A comissão de informação pública contaria a nossa comunidade o que seus amigos na igreja estão fazendo semanalmente, por meio de reportagens e fotografias nos jornais e noticiários para o rádio e a televisão. Essa comissão também escreveria reportagens para o periódico de nossa União, para a *Revista Adventista* e para outras publicações denominacionais.

Outra comissão faria contatos diretos na comunidade, descobrindo como nossa igreja pode participar de programas já existentes na comunidade, visitando pessoas influentes na comunidade, numa atmosfera de amizade, e pondo nossa congregação ao corrente de programas que devemos iniciar porque auxiliarão diretamente a comunidade. Seria a comissão de desenvolvimento e amizade.

A quinta comissão seria a de pesquisas, incumbida de efetuar enquetes na comunidade, reunindo informações especiais sobre vários acontecimentos e grupos na comunidade e provendo a todas as outras comissões os elementos necessários para o êxito em seu trabalho.

Pode ser que essa organização envolva de cinquenta a cem membros, mas provavelmente haverá tantas pessoas assim que não estão realizando atualmente algo de grande significação com vistas a partilharem sua fé. Naturalmente, não será fácil organizar e manter essas comissões; mas, pela graça de Deus, isso estabelecerá tal espécie de re-

lação entre nossa igreja e a comunidade que seja abençoada pelo Céu. Lembre-se de que todo indivíduo nas ruas da comunidade é tão precioso para Deus como os santos que comparecem sábado após sábado ao santuário.

Com efeito, essa comunidade faz parte de minha congregação — é minha segunda congregação. A primeira se compõe dos membros da igreja, mas a segunda congregação se encontra com a primeira todos os sábados de manhã. A única diferença é que alguns dos membros de minha segunda congregação se reúnem do lado de fora, nos campos de golfe; outros estão consertando o automóvel, cortando a grama, lavando roupa ou apenas descansando depois de cinco dias de trabalho.

Por todos os métodos que fossem necessários, eu ensinaria a minha igreja que não estamos meramente buscando obter a atenção pública; queremos ter amizade com nossa comunidade.

A obra de Deus não será terminada enquanto minha segunda congregação não chegar a conhecer claramente o grandioso plano da salvação que o Céu oferece a todos os seres humanos. E o fato é que me nos, muito menos pessoas do que imaginamos já tiveram essa oportunidade. A maioria jamais ouvirá a história da salvação se nos encaram como mercadores religiosos que desejam vender-lhes a "religião". Se, porém, nos aproximarmos deles como amigos — amigos que têm labutado ombro a ombro com eles em programas comunitários, irão ouvir-nos de bom grado.

Como pastor, eu devoraria avidamente todos os bocados suculentos de informações sobre a comunidade trazidas por nossa comissão de contato com a comunidade. E, naturalmente, já estaria procurando saber como lidar com a cidade e seus moradores por meio de minhas visitas — pelo menos uma vez por semana — a algum personagem dentre ela. Suponho que minha constante atuação na comunidade suscitaria convites para falar em clu-

bes e outras agremiações e para participar de feiras, banquetes, concentrações, etc., na comunidade. Isso seria algo que eu procuraria cultivar de maneira simples e despretenhosa, pois assim eu me tornaria uma figura familiar e cordial para muita gente da cidade. Obviamente, como qualquer outra coisa, isso pode levar ao excesso. Preciso dispor de tempo para meu ministério em prol de minha primeira congregação; na realidade, porém, não se trata de uma questão de excluir isto ou aquilo. Se for mantido em seu devido equilíbrio, este plano me colocará mais perto da comunidade, e também contribuirá para que os membros tenham mais interesse nela, o que certamente constitui um dos objetivos do meu ministério.

Indubitavelmente, a associação ministerial local também fará parte de minha solicitude. A qualidade de membro dar-me-á ensejo de tomar parte em cultos dirigidos por outros grupos e talvez de familiarizá-los, de maneira amigável, com as verdades que tanto aprecio. Meu principal objetivo será, porém, o seguinte: "Com que posso contribuir para a associação ministerial?" Tenho a impressão de que isto me tornará a espécie de membro que encontrará cordialidade nas atividades dessa associação.

Tudo isto é, portanto, alguma coisa do programa que eu empreenderia em meu novo pastorado. Parece ser uma porção de trabalho, e na verdade é assim. Mas eu esperaria ter muitos auxiliares. Oh! Sei como é difícil conseguir a cooperação das pessoas. Neste programa eu contaria, porém, com dois fatores: 1) o capim sempre é mais verde do outro lado da cerca, isto é, na comunidade; 2) a ajuda que eu solicitaria em grande parte, seria um tanto diferente do que convidar alguém para ser o presidente da Escola Sabatina ou o secretário da Ação Missionária.

Ao labutar em favor de minha primeira e segunda congregação, eu sempre manteria diante de mim estas palavras de Ellen White: "Atraís os que se encontram ao redor de vós mediante o trabalho pessoal. Relacionai-vos com eles. As pregações não farão o trabalho que necessita ser feito. Anjos de Deus vos acompanham às moradas daqueles a quem visitais. Esta obra não pode ser feita por proclamação. O dinheiro emprestado ou dado não o faz. Sermões não a realizam. Visitando o povo, falando, orando e simpatizando com ele, conquistareis corações." — *Serviço Cristão*, pág. 118.

É isso que eu faria se fosse pastor.

UM COMPROMISSO IMPORTANTE

Dra. Irma B. de Vyhmeister

— Por favor, venha a tempo esta tarde, querido. Tenho que ir a uma reunião e queria que você ficasse com a Viviana.

A esposa olhou ansiosamente para o marido.

— Não se preocupe — disse ele, acariciando o rosto da esposa. — Estarei em casa às seis horas, e eu e Viviana passaremos um tempo maravilhoso.

— Obrigada, querido!

Enquanto ele se afastava, ela o acompanhou com o olhar, até que o automóvel desapareceu. Ouvira tantas vezes a mesma promessa de seu esposo, mas sempre algum imprevisto fazia com que se atrasasse. O jantar sempre era deixado para mais tarde. Parecia um problema sem solução. Talvez essa tarde ela poderia confiar em que nada perturbaria os seus planos.

Às cinco da tarde soou o telefone.

— Querida, vou ter de atrasar-me um pouco. Surgiu um compromisso de última hora. Por favor, tenha paciência!

— Mas... — disse ela, procurando ocultar sua decepção — Viviana nunca fica com você.

— Sinto muito, querida, mas é um compromisso importante. Prometo que amanhã passaremos um serão juntos.

Contrariada, ela desligou o telefone e foi para a cozinha, onde havia começado a preparar o jantar. Chamou a Sra. Rojas, para ver se Viviana poderia ficar com ela. Antes de sair, deixou um bilhete na porta, o qual dizia: "Viviana está com a Sra. Rojas. O jantar está em cima da mesa e na geladeira. Eu vou à reunião. Passe bem sozinho!"

Consideremos um pouco este incidente. Há vários pontos de interesse que fazem parte do conflito nesse lar.

1. Num lar deve haver prioridades que os cônjuges estabeleçam de comum acordo. Essas prioridades

abrangem diversas áreas que definem os limites do lar e fazem parte de sua paz. Por exemplo, o número de refeições diárias e as horas em que são tomadas devem ser definidos e cumpridos na forma mais conveniente. Os cônjuges devem estar de acordo no tocante ao regime alimentar seguido em seu lar. Muitos preferem comer só duas vezes por dia, outros preferem três. Quer haja duas ou três refeições por dia, cada uma delas deve ter primazia sobre todas as outras atividades, e não devem ser assumidos compromissos durante essas horas, a menos que os cônjuges estejam de acordo a esse respeito.

Por que isto é importante? Em Ezequiel 4:10, Deus explicou para o profeta a alimentação que ele devia seguir durante um período de mais de um ano: "De tempo em tempo a comerás." Em Eclesiastes 10:17, Salomão acrescenta: "Ditosa, tu, ó terra, ... cujos príncipes se sentam à mesa a seu tempo." Lemos também no Salmo 145:15: "Em Ti esperam os olhos de todos, e Tu, a seu tempo, lhes dás o alimento."

Referindo-se a este problema, Ellen White nos diz o seguinte: "É de vital importância a regularidade no comer. Deve haver tempo determinado para cada refeição. Nesta ocasião, coma cada um o que o organismo requer." — *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 179.

"Em caso algum devem as refeições ser irregulares. Se se faz o almoço uma ou duas horas antes do tempo usual, o estômago não está preparado para o novo encargo, pois não dispôs ainda o alimento tomado na refeição anterior.... Tampouco devem as refeições ser retardadas uma ou duas horas, para se acomodarem às circunstâncias, ou para se poder terminar certa porção de trabalho. O estômago pede alimento na ocasião em que está

acostumado a recebê-lo." — *Ibidem*.

"A regularidade nas refeições deve ser fielmente observada.... A irregularidade na alimentação arruína a saúde dos órgãos digestivos, com detrimento da saúde em geral, e da alegria." — *Idem*, pág. 180.

Há alguma razão científica para comer na hora certa?

Numa pesquisa, por meio de Raios X e acrescentando bário à comida, foi medido o tempo em que o estômago se esvazia depois de ser tomada uma refeição. A prova foi efetuada com um desjejum que consistia de cereal, fruta, pão, leite e ovo. O estômago estava vazio depois de quatro a quatro horas e meia. Durante esse período não era ingerido nenhum alimento. Depois os pesquisadores decidiram ver o que acontecia se após o desjejum, a cada hora e meia ou duas horas, se ingeria um pedaço de pão com manteiga ou um sorvete. Com este último, o estômago demorou seis horas, e com o pão e manteiga, depois de nove horas ainda havia um resíduo no estômago. Este requer que a comida seja ingerida com regularidade para efetuar seu trabalho eficientemente.

Outra prioridade é ter uma noite designada só para a família, sem planejar nenhuma outra atividade. Esse período dedicado aos filhos constitui uma excelente oportunidade para fortalecer os laços familiares e fazer com que os filhos se sintam seguros e contentes em seus lares.

2. Não demos lugar a frustrações e "agendas ocultas" pela falta de disciplina em nossos lares. Levantar-se cedo para o desjejum, bem como deixar uma comissão quando há importantes decisões a serem tomadas, para ir comer, parece ser perda de tempo. Mas, somos seres humanos com exigências

energéticas e reparadoras. O alimento nos ajuda a trabalhar e a enfrentar nossas responsabilidades. As decisões tomadas em comissões podem ser mais justas depois de uma boa refeição.

Se não temos ordem em nossos hábitos, ou se não nos conformamos com o que de comum acordo temos delineado no lar, isto causará frustrações entre os cônjuges e "agendas ocultas", que são decisões tomadas quando um dos cônjuges fica contrariado. A falta de uma tarde somente para a família pode produzir "agendas ocultas", como no caso da esposa de nosso exemplo. Ao preparar um delicioso jantar para o marido, ela recebe a mensagem de que ele não poderá vir por razões mais importantes do que a companhia das pessoas do lar.

A tendência moderna de comer a qualquer hora que seja conveniente, sem ater-se a um horário, não é necessariamente o melhor sistema para manter a saúde. Isto não significa que o horário deve ser tão exato que não se possa atrasar um minuto. Mas deve haver coerência nas horas de comer.

3. A hora da refeição deve ser aguardada com alegria, como uma atividade agradável.

Conheci uma família numerosa que todas as tardes se reunia para o jantar. A mesa grande sempre tinha uma toalha limpa e flores. A melhor baixela e serviço de mesa era indispensável, embora a comida geralmente fosse simples, mas servida com delicadeza. O que mais chamava a atenção era a alegria de viver de todos os comensais. Havia conversação animada, risadas e participação de todos nos acontecimentos do dia, nas experiências pessoais e no desejo de partilhar sentimentos e pensamentos. Era o momento que todos almejavam para relaxar tensões, olvidar o trabalho e as dificuldades, e abrigar-se no seio da família, onde todos se sentiam felizes e seguros.

É este o modelo que devemos deixar a nossos filhos para seu desenvolvimento emocional, físico, intelectual e espiritual. Isto ajudará a estimular a estima própria para triunfar na vida. O sábio Salomão nos exorta em Eclesiastes 9:7: "Vai, pois, come com alegria o teu pão..."

O ato de comer é complexo, pois não constitui somente uma atividade física, mas envolve todo o ser. Usamos os cinco sentidos. Além disso, comemos com nossos sentimentos. Nós nos baseamos em experiências anteriores para o gosto,



Enio/Casa

A hora da refeição deve ser aguardada com alegria, como uma atividade agradável.

fastio ou satisfação que o alimento nos dá. O meio social que nos rodeia é poderoso em formar nossos hábitos no comer, e o estado de ânimo determinará como nosso organismo reagirá diante das diversas emoções. Comer com alegria é convidar o organismo a desenvolver-se da melhor maneira possível.

No século passado um médico canadense teve a singular oportunidade de observar o que sucede no estômago de uma pessoa. Um caçador de peles foi ferido no estômago por uma bala. A ferida sarou, mas ficou uma abertura pela qual o médico podia olhar para dentro do estômago. Baseado em suas observações, o médico escreveu um livro sobre a fisiologia da digestão. Observou que quando o paciente estava calmo e contente, o estômago ficava rosado e com muitas dobras. Quando o paciente se irava, o estômago ficava bem vermelho e inflado, sem mostrar nenhuma dobra. Quando o paciente estava ressentido, havia supersecreção de suco gástrico, o que geralmente está relacionado com a formação de úlceras e outros transtornos gástricos. Quando o paciente estava deprimido, a secreção gástrica cessava e o estômago não podia digerir a comida. Quando o paciente tinha medo, a mucosa do estômago ficava lívida e parecia que os vasos sanguíneos haviam desaparecido. As observações do médico canadense foram corroboradas neste século com instrumentos mais aperfeiçoados.

"Na hora da refeição, expulsai o cuidado e os pensamentos ansiosos; não estejais apressados, mas comei devagar e satisfeitos, o coração cheio de gratidão para com Deus por todas as Suas bênçãos." — A Ciência do Bom Viver, pág. 306.

4. Os hábitos alimentares são formados no lar. A influência da mãe e do pai é poderosa na forma-

ção dos hábitos da criança. Se o Joãozinho vê o pai rejeitar a cebola ou a cenoura, ele fará a mesma coisa. Se o vê faltar às refeições ou chegar constantemente tarde, tomará este comportamento como modelo.

Quando o pai está presente às refeições, terá a oportunidade de comunicar-se com os filhos e a esposa para conhecê-los mais intimamente e prover o ambiente para o crescimento da família em todas as suas dimensões. Ao redor da mesa, ingerindo alimentos que proporcionam a energia que gastamos para viver, trocando idéias e fomentando um espírito alegre e de companheirismo, são fortalecidos os laços de amor e de confiança, e os filhos não experimentarão a lacuna das idades.

José, nos tempos bíblicos, ao estar com seu pai em suas atividades ou ao sentar-se junto à mesa familiar, aprendeu não somente bons hábitos alimentares, mas também o senso de honestidade, integridade e lealdade que constituiu a salvaguarda de sua vida futura. Lemos em Provérbios 22:6: "Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele."

Em todo lar a hora da refeição é "um compromisso importante". Não a olvidemos. Com uma alimentação saudável, simples, nutritiva, deliciosa e atraente, com um espírito de regozijo, de gratidão e de tolerância para com os outros, podemos crescer dia a dia, compreendendo o amor de Deus ao dar-nos esta vida tão maravilhosa e Suas bênçãos ao ensinar-nos como manter nosso organismo em boas condições de saúde.

Com o salmista podemos dizer: "Rendei graças ao Senhor, porque Ele é bom, porque a Sua misericórdia dura para sempre." Sal. 136:1.

COMBATAMOS O BOM COMBATE

Dr. C. Raymond Holmes

*Ex-coordenador do Departamento
de Igreja e Ministério do Seminário
Teológico ASD das Ilhas Filipinas.*

No outono de 1970 cheguei ao campus da Universidade Andrews como pastor luterano, com dez anos de experiência pastoral. Vim com um espírito de crítica bastante aguçado por penosas crises profissionais e pessoais. Vim descobrir as heresias do adventismo, especialmente a heresia do legalismo que, segundo me disseram, predominava entre os adventistas. Eu li muito, e com extrema cautela, diligência e cepticismo. A questão mais imediata e premente que tive de enfrentar era a seguinte: "O evangelho, as Boas-Novas da salvação em Cristo, expresso na fórmula teológica da justificação pela graça, mediante a fé, existe na Igreja Adventista do Sétimo Dia? Em caso afirmativo, essa mensagem tem resultado na experiência do novo nascimento e em vivo testemunho para Cristo na vida dos crentes adventistas?" Descobri que a resposta era um claro e retumbante "Sim" para ambas as perguntas!

A verdade bíblica da salvação pela graça, mediante a fé em Cristo, era central no ensino na sala de aula e no currículo do Seminário Teológico. Ela era evidente na vida pessoal dos professores, muitos dos quais constituíam os melhores exemplos de semelhança com Cristo que eu tinha visto. Eu a ouvi reiteradas vezes do púlpito da capela do seminário. Manifestava-se na vida e conversação dos estudantes. Verifiquei que essa verdade era o assunto central nos escritos de Ellen G. White. E impregnava as páginas do *Church Hymnal*, tão amado e usado pelos crentes adventistas ao redor do mundo. Porquanto Cristo vivia na Igreja Adventista, e visto que Seu evangelho era a mensagem fundamental pregada e aceita pelos adventistas do sétimo dia, foi

me possível examinar meticolosamente as doutrinas do sábado, do ministério celestial de Cristo e de Seu segundo advento. Isso também possibilitou minha decisão de tornar-me um crente e pastor adventista do sétimo dia.

Isto ocorreu em 1971. Agora, dez anos depois, estou ouvindo sons estranhos. Estou ouvindo dizer que o evangelho só foi descoberto recentemente na Igreja Adventista, que só agora ele está sendo ensinado e proclamado, e que atualmente está começando uma reforma entre nós devido a essa "descoberta" e proclamação. Que foi, então — pergunto a mim mesmo — que eu encontrei no adventismo dez anos atrás, se o evangelho só se tornou conhecido dos adventistas em 1981?

A Igreja Cristã sempre teve dificuldade para encontrar e manter o devido equilíbrio e relação entre a lei de Deus e o evangelho, entre a graça e as obras, entre a justificação e a santificação. Há legalistas em todas as denominações cristãs, e o adventismo também tem o seu quinhão. Havia legalistas nas congregações entre as quais labutei como pastor luterano, a despeito do fato de que a doutrina da justificação pela graça, mediante a fé, tem sido a principal ênfase no luteranismo. Isto indica que salientar a justificação não elimina o legalismo da vida da Igreja. A ausência de ênfase à santificação também produz legalistas, pois para eles a fé se torna uma obra meritória. É o equilíbrio apropriado entre a justificação e a santificação, entre a fé e as obras, entre o evangelho e a lei, que produz crentes cheios do Espírito e cuja vida revela os frutos do Espírito.

O fulcro da teologia adventista do sétimo dia é Apocalipse 14:12, onde o povo de Deus é identificado

como os que mantêm uma compreensão equilibrada entre a fé em Cristo e a obediência à lei de Deus. A manutenção desse equilíbrio requer vigilância, cuidadosa atenção e paciência. Manter semelhante equilíbrio faz parte do exercício da santidade do povo de Deus. Tal equilíbrio não somente é essencial à espiritualidade e à autêntica experiência cristã, mas é muito importante para o êxito final das missões cristãs e, acima de tudo, para o êxito das missões adventistas do sétimo dia.

Há sempre pessoas, em toda denominação cristã, que interpretam mal e/ou aplicam erroneamente o evangelho. Muitos insistem em transformar o evangelho em lei ou a lei em evangelho, a graça em obras ou as obras em graça. Mas isso não se dá porque o evangelho não é ensinado, e, sim, porque o homem caído, e até o homem religioso, acha difícil aceitar a salvação unicamente de acordo com as condições estabelecidas por Deus. O problema não está, portanto, com a nossa mensagem, com a nossa teologia, mas com aquele que a ouve. Como você ouve? Como você lê? Se alguém está resolvido a duvidar, ou a transformar o evangelho em lei, não haverá suficiente quantidade de evidências ou persuasão para convencê-lo de que labuta em erro. Se aquele que lê as obras de Ellen White não consegue encontrar o evangelho ali, isso não acontece porque este último não se encontra nessas obras. Ela mesma escreveu: "Os que realmente desejam conhecer a verdade, hão de encontrar provas suficientes em que apoiar sua fé." — *Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 287. Naturalmente, também é certo que os que recusam crer encontrarão provas sufi-

cientes para sua descrença.

Um bom general jamais travará a batalha errada na ocasião imprópria e no lugar errado. Essa é a fórmula para a derrota. No entanto, é o que estamos fazendo agora mesmo, como uma denominação. Estamos travando a batalha errada. Nosso problema não é tanto teológico como metodológico. Com efeito, temos um problema, mas não é com a verdade teológica fundamental, nem com a fidedignidade de nossa mensagem. Nosso problema tem que ver com a maneira pela qual muitas vezes essa mensagem é comunicada. É uma questão de semântica, de escolha de palavras e de percepção pessoal dessa mensagem pelo professor e/ou pregador. Para ilustrar, desejo contar o que ouvi durante um sermão, num sábado de manhã.

O pregador anunciou que seu tema era "Crescer na Graça". O texto: "Antes, cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo."

— Irei falar sobre crescer na graça — começou ele — porque cremos na justiça pela fé, e não pelas obras.

— Maravilhoso! — pensei, acomodando-me no assento em atitude de expectativa. Mas as minhas expectativas foram despedaçadas por uma ênfase imprópria.

O pregador passou a dizer-me quatro coisas que eu tenho de fazer para crescer na graça, como se a graça fosse o alvo, e não o meio em que ocorre o crescimento. Eu precisava ler a Bíblia diariamente, orar com regularidade, assistir aos cultos de modo assíduo e testemunhar diligentemente.

Não resta dúvida de que todos esses quatro exercícios espirituais são muito importantes na vida do crente. Na realidade, não é possível manter a fé cristã sem eles. A necessidade e o desejo de praticá-los também são dons da graça de Deus. Mas a maneira como foram usados pelo pregador transformou o evangelho em lei, e a graça em obras. Não havia relação alguma entre a declaração inicial do pregador sobre o que ele cria e seu método de comunicar essa crença. Ele não disse o que prometeu dizer. Semelhante comunicação só pode redundar em má compreensão e deturpação.

A frase bíblica: "Cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor" oferece a chave da direção que o sermão deveria ter tomado, a fim de ser fiel ao texto e uma expressão correta da crença enunciada pelo pregador. Também sugere a perfeita analogia com o que o tex-

to realmente diz. O pregador devia ter falado primeiro sobre a necessidade de crescimento espiritual, com ilustrações apropriadas da vida e da Natureza. Então ele devia ter dedicado a maior parte do sermão para considerar a verdade bíblica de que todo crescimento espiritual precisa ocorrer no "solo" da graça de Deus. O crescimento só é possível na graça. O crescimento ocorre na graça. É isto que diz o texto. E é tudo o que ele diz. A graça é o solo no qual germina e cresce a vida cristã para dar fruto e ser produtiva. A graça não é o alvo a ser alcançado por meio de certos exercícios, e, sim, o ambiente necessário para o crescimento espiritual. Quando alguém se encontra nesse ambiente, o crescimento é um processo natural, e não alguma coisa forçada. A ênfase do sermão devia ter incidido sobre o que Deus efetuou e está efetuando para possibilitar esse crescimento, e não tanto sobre o que o crente precisa fazer para crescer. Tal ênfase teria constituído uma *boa nova*. Em lugar do pão da vida, os adoradores receberam uma pedra.

No entanto, embora o pregador compreendesse, interpretasse e aplicasse mal o texto, eu não culpei toda a Igreja e sua história teológica. Não pus em dúvida a fidedignidade de Ellen White ou a autenticidade de seu dom espiritual. Nem comecei a pensar que os pioneiros estavam errados. Não fui tentado a ter tais pensamentos porque meu estudo e minha investigação anteriores me convenceram de que nossa mensagem realmente é digna de confiança e teologicamente corre-

ta. Achei, porém, que havia alguma coisa errada com a percepção e com o método homilético do pregador.

Até mesmo a fórmula teológica "justiça pela fé" é compreendida e comunicada de maneiras diferentes. Quando é convidada a interpretar e expressar o significado dessa fórmula, uma pessoa talvez diga: "Aceito pela fé que a justiça de Cristo me é imputada." E outra pessoa talvez responda o seguinte: "Creio que se eu fizer o que é correto, serei considerado justo." A razão dessa diferença não está com a verdade fundamental da justiça pela fé, mas com a maneira como é compreendida, expressa e comunicada. Simplesmente porque uma pessoa a explica do último modo não deve levar-nos a duvidar da verdade ou exatidão da "justiça pela fé".

O problema não é que não temos tido a verdade. Nem sempre dissemos, porém, a verdade a respeito da verdade. É uma coisa conhecer e possuir a verdade, e outra coisa dizer a verdade sobre ela. A proclamação pública do evangelho é uma questão muito importante na qual cada palavra está repleta de possibilidades de grande perigo ou de grande bem. Pois o que acontece não depende apenas do que o pregador diz, mas também do que sucede realmente no íntimo dos ouvintes. Nossas palavras têm muita influência sobre as pessoas. Se o pregador não diz o que ele tenciona dizer, seu método homilético requer meticuloso exame e adaptação.

Ele deve fazer duas perguntas

O estudo diário das Escrituras mantém, flamejante e inextinguível, a fé. A disposição para assim fazer provém de Deus.



Werner/Casa

muito importantes no processo da preparação: O que eu desejo que meus ouvintes saibam? O que eu desejo que aconteça com eles? Ele pode ser bem sucedido no primeiro ponto e fracassar redondamente no segundo. Isto é, pode apresentar a informação correta, mas obter uma reação que não queria ou não havia previsto, porque apresentou a informação correta de maneira errônea, e essa reação leva o ouvinte a duvidar da validade das informações que lhe foram dadas, ou a tirar uma conclusão errada.

Como pregadores e professores, não somente precisamos examinar o que dizemos, mas também a maneira como o fazemos, a escolha das palavras, a estrutura das frases, as nuances de significação insinuadas pela voz, pelos gestos e pelo semblante. Outro incidente servirá para ilustrar esta parte.

Anos atrás fui incumbido de proferir a bênção no fim do culto, e enquanto eu estava sentado, durante a reunião, pude observar a congregação de uma posição muito vantajosa na plataforma. O pregador visitante era um homem de considerável envergadura na fé. Seu assunto era de grande importância para os crentes adventistas. Ele falou sobre a necessidade do derramamento do Espírito Santo para a conclusão da tarefa que Deus designou à Igreja Adventista do Sétimo Dia. As informações apresentadas por ele eram bem fundadas e teologicamente corretas. O problema tinha que ver com a maneira como esse indivíduo apresentou o seu material. Em vez de trazer esperança e certeza, e incentivar a fé das pessoas, o sermão conduziu a depressão, desalento e frustração. O assunto de seu sermão podia ser reduzido à proposição: Visto que a Igreja não está repleta do Espírito Santo, a obra jamais será concluída. Certamente não havia esperança ou poder para o bem nesse sermão! Nem boas-novas! Notei que uma senhora, no segundo banco, literalmente se afundava em seu assento toda vez que o pregador desferia um de seus pesados golpes. O rosto dessa senhora denotava desespero e derrota. O pregador terminou com grande fervor, crendo no que estava dizendo e fazendo, mas não tendo nenhuma idéia das conseqüências de suas palavras e formas de expressão. Em lugar de esperança e vitória, ele conseguira trazer desalento e derrota para aquela congregação, a qual se encontrava em pior situação do que antes. E ele fez isso com palavras e com a verdade. Mas deixou de di-



Arq. Casa

O apóstolo Paulo conheceu, viveu e venceu o bom combate, como leal soldado de Cristo.

zer a verdade a respeito da verdade.

A insinuação atual de que a validade de nossa mensagem deve ser posta em dúvida porque produzimos alguns legalistas entre nós, é travar a batalha errada. Esta não tem que ver com a validade teológica, mas com a compreensão e a comunicação. A justificação pela graça, mediante a fé, tem sido meu "pão com manteiga" espiritual durante mais de trinta anos, tanto quando era luterano como agora que sou adventista do sétimo dia. Ela é a mensagem fundamental do cristianismo protestante. E, colocada no contexto de uma perspectiva escatológica da História e da Teologia, constitui a mensagem fundamental da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Eu jamais me teria unido a esta Igreja se não fosse assim.

O evangelho sempre deve ser alguma coisa nova. É maravilhoso quando ele é descoberto pessoalmente pelo novo converso, pelo jovem pastor e mesmo pelo jovem teólogo. Todos nós precisamos de pe-

riódico reavivamento espiritual. Mas, com esse renascimento pessoal também deve vir o apreço pela história e pelas tradições que formaram o contexto no qual o evangelho foi conservado vivo e transmitido de uma geração para a outra. A excitação ocasionada pelo evangelho precisa ser moderada pela estabilidade de uma perspectiva histórica, apreciativa. É motivo de regozijo quando as Boas-Novas se tornam experienciais e vitais. É motivo de tristeza quando a Igreja sofre perdas nas fileiras dos leigos ou dos pastores, numa batalha que não devia ser travada.

Em vez de discutir sobre a justiça pela fé, preguemos e ensinemos a seu respeito. Digamos a verdade acerca da verdade; porém, ao fazê-lo, sejamos não somente fiéis à verdade, mas também a nossa história denominacional, que cremos ser igualmente um dom da graça de Deus. Devemos batalhar pela verdade e pela justiça. Mas combatamos o bom combate. Juntos! **GA**

ÍNDICE DE 1983

Assuntos

Meses Pág.

Almas, Nosso Alvo Não é Ganhar...?	Mar-Abr	3
Amebas, Leucócitos e Pastores	Jan-Fev	3
"Amem, Amém!"	Set-Out	3
Ânimo. Estado de...no Ministério	Jan-Fev	7
Antigo Vislumbre de Ellen G. White	Mai-Jun	9
Apelos Evangelísticos Eficazes	Jan-Fev	23
Apóstolos, Historiadores ou...	Mai-Jun	13
Arquivo, O...da Esposa do Pastor	Mar-Abr	18
Ataques Cardíacos, Há Necessidade de Mais...	Mai-Jun	4
Aventura no Ministério	Mai-Jun	11
Batismo: União com Cristo	Set-Out	16
Casamento, O...: Contrato Social ou Concerto Divino?	Mar-Abr	10
Casamentos, Bons...Não Acontecem por Acaso	Mai-Jun	18
Cesaréia Marítima: A Cidade de Herodes	Set-Out	23
Chave, A...Divina Para a Conclusão da Obra	Mar-Abr	4
Clube Coronariano, O...	Jul-Ago	18
Combatamos o Bom Combate	Nov-Dez	19
Compromisso Importante, Um...	Nov-Dez	17
Criados à Imagem de Deus	Jul-Ago	22
Dia de Lamentação, Um...	Jul-Ago	7
Dízimo, O Significado Bíblico do...	Mar-Abr	9
Dor, A...da Visitação	Jan-Fev	4
"Dos Tais é o Reino dos Céus"	Nov-Dez	12
Egoísmo, Superando Nosso Natural	Jan-Fev	22
Ellen G. White, O Papel de...na Formação Doutrinária	Mar-Abr	14
Ellen G. White, Antigo Vislumbre de...	Mai-Jun	9
Encontro Matrimonial e Enriquecimento Matrimonial — Como Saber a Diferença?	Set-Out	10
"Eu a Conheço!"	Nov-Dez	11
Família, Que Aconteceu com a...que Orava Junto?	Jan-Fev	5
Fé Pessoal, Uma Avaliação da...	Mar-Abr	20
Funeral, Após o...	Jul-Ago	16
Há Necessidade de Mais Ataques Cardíacos	Mai-Jun	4
Historiadores ou Apóstolos?	Mai-Jun	13
Igreja, A...e Israel	Jan-Fev	19
Igreja, Sua...Está Viva?	Jul-Ago	11
Israel, a Igreja e...	Jan-Fev	19
Isto Merece Toda a Prioridade!	Jul-Ago	4
Jesus em Breve Virá!	Set-Out	20
Julgamento, O...no Mundo Antigo	Mar-Abr	22
Justificação, O que Jesus Disse Sobre a...	Set-Out	18
Labutando em Favor de Pessoas Hostis	Set-Out	12
Lamentação, Um Dia de...	Jul-Ago	7
Leucócitos, Amebas,...e Pastores	Jan-Fev	3
Método Evangelístico do Espírito Santo	Jul-Ago	3
Milagres, Oportunidade Para...	Set-Out	4
Ministério, Aventura no...	Mai-Jun	11
Ministério, Estado de Ânimo no...	Jan-Fev	7
Mordomia, A...em Seus Aspectos Mais Amplos	Jan-Fev	14
Mordomia, A Responsabilidade do Pastor e a...de Bens	Mai-Jun	14
Mordomia, Estendendo a Nossas Crianças os Ensinos e as Práticas da...	Jul-Ago	14
Mordomia, O Porquê da Pregação e do Ensino da...	Set-Out	22
Nome, Que Há Num...?	Set-Out	8
O Maior dos Pobres	Nov-Dez	3
Ofertas, O Significado Bíblico do Dízimo e das...	Mar-Abr	9
Oportunidade Para Milagres	Set-Out	4
Papel, O...de Ellen G. White na Formação Doutrinária	Mar-Abr	14
Pastor Distrital, Perfil Bíblico de um...	Mai-Jun	3
Pastor, Se Eu Fosse...	Nov-Dez	14
Pastores, Amebas, Leucócitos e...	Jan-Fev	3
Pecado, O...e o Julgamento no Mundo Antigo	Mar-Abr	22
Perfil Bíblico de um Pastor Distrital	Mai-Jun	3
Primavera, A Cor da...é o Amor!	Set-Out	14
Prioridade, Isto Merece Toda a...	Jul-Ago	4
Qualidade, O Controle da...— Um Passo Para Melhores Sermões	Set-Out	6
Que Aconteceu com a Família que Orava Junto?	Jan-Fev	5

Que Há num Nome?	Set-Out	8
Redenção	Mai-Jun	6
Reforma ou Redenção: A Igreja Tem de Escolher?	Mai-Jun	6
Religião e Saúde Mental	Mar-Abr	20
Salvação, A...é Uma Dádiva de Deus	Jul-Ago	19
Santificação, O Que Jesus Disse Sobre a...	Nov-Dez	4
Se Eu Fosse Pastor...	Nov-Dez	14
Sermões, Um Passo Simples Para Melhores...	Set-Out	6
Significado, O...Bíblico do Dízimo e das Ofertas	Mar-Abr	9
Temperança, Saúde e...	Jan-Fev	12
Teosofia, A...e a Bíblia	Nov-Dez	7
Visitação, A Dor da...	Jan-Fev	4
Você é o que Você Pensa	Mai-Jun	22

Autores

<i>Andreasen, Niels-Erik</i>		
Criados à Imagem de Deus	Jul-Ago	22
<i>Belvedere, Daniel</i>		
Amebas, Leucócitos e Pastores	Jan-Fev	3
"Amem, Amém!"	Set-Out	3
Método Evangelístico do Espírito Santo	Jul-Ago	3
Perfil Bíblico de um Pastor Distrital	Mai-Jun	3
<i>Bessa, José C.</i>		
O Maior dos Pobres	Nov-Dez	3
<i>Clark, Greg</i>		
Um Estudo da Esposa do Pastor Como Pessoa	Jan-Fev	7
<i>Clouzet, Gastón</i>		
A Teosofia e a Bíblia	Nov-Dez	7
<i>Coffin, James</i>		
O Controle da Qualidade — Um Passo Simples Para Melhores Sermões	Set-Out	6
<i>Cordido, Maria</i>		
O Arquivo da Esposa do Pastor	Mar-Abr	18
<i>Cummings, Des</i>		
Um Estudo da Esposa do Pastor Como Pessoa	Jan-Fev	7
<i>Devnich, D. Douglas</i>		
Labutando em Favor de Pessoas Hostis	Set-Out	12
<i>Dudley, Roger L. ...</i>		
Encontro Matrimonial e Enriquecimento Matrimonial	Set-Out	10
Um Estudo da Esposa do Pastor Como Pessoa	Jan-Fev	7
<i>Finley, Mark A.</i>		
Sua Igreja Está Viva?	Jul-Ago	11
<i>Finley, Teenie</i>		
Aventura no Ministério	Mai-Jun	11
<i>Flowers, Ron</i>		
Bons Casamentos Não Acontecem por Acaso	Mai-Jun	18
<i>Ford, Herbert</i>		
Se Eu Fosse Pastor...	Nov-Dez	14
<i>Froom, L. E.</i>		
A Mordomia em Seus Aspectos Mais Amplos	Jan-Fev	14
<i>Gillespie, V. Bailey</i>		
Cesaréia Marítima: A Cidade de Herodes	Set-Out	23
<i>Graham, Roy E.</i>		
Oportunidade Para Milagres	Set-Out	4
<i>Graybill, Ron</i>		
O Papel de Ellen G. White na Formação Doutrinária	Mar-Abr	14
<i>Herndon, Bunnie</i>		
A Cor da Primavera é o Amor!	Set-Out	14
<i>Hoffer, James R.</i>		
Que Há num Nome?	Set-Out	8
<i>Holmes, C. Raymond</i>		
Combatamos o Bom Combate	Nov-Dez	19
<i>Horn, Siegfried H.</i>		
O Pecado e o Julgamento no Mundo Antigo	Mar-Abr	22
<i>Hyde, Gordon M.</i>		
A Chave Divina Para a Conclusão da Obra	Mar-Abr	4
Jesus em Breve Virá!	Set-Out	20
<i>Jaacks, Lenard D.</i>		
Historiadores ou Apóstolos?	Mai-Jun	13
<i>Johnsson, William G.</i>		
A Salvação é uma Dádiva de Deus	Jul-Ago	19

Kilcher, Carole Luke Um Estudo da Esposa do Pastor Como Pessoa	Jan-Fev	7
Kurtz, Arnold Um Dia de Lamentação	Jul-Ago	7
LaRondelle, Hans K. A Igreja e Israel	Jan-Fev	19
Lee, Gordon A. A Responsabilidade do Pastor e a Mordomia de Bens	Mai-Jun	14
McIntyre, J. Ralph Após o Funeral	Jul-Ago	16
Miller, George W. O Clube Coronariano	Jul-Ago	18
Mitchell, Norman L. Você é o que Você Pensa	Mai-Jun	22
Nembhard, Melvin Apelos Evangelísticos Eficazes	Jan-Fev	23
Nichols, Otis Antigo Vislumbre de Ellen G. White	Mai-Jun	9
Oliveira, Enoch de Reforma ou Redenção: A Igreja Tem de Escolher?	Mai-Jun	6
Osbourn, Fred Religião e Saúde Mental	Mar-Abr	20
Pozo, Luis del O Casamento: Contrato Social ou Concerto Divino?	Mar-Abr	10
Quigley, W. B. Isto Merece Toda a Prioridade!	Jul-Ago	4
Nosso Alvo Não é Ganhar Almas?	Mar-Abr	3
Rice, Jorge E. Batismo: União com Cristo	Set-Out	16
Ritter, Davi M. Coisas que meu Pastor Nunca me Disse	Mai-Jun	16
Roncarolo, Laura F. Estendendo a Nossas Crianças os Ensinos e as Práticas da Mordomia	Jul-Ago	14
Roncarolo, Roberto R. O Porquê da Pregação e do Ensino da Mordomia	Set-Out	22
Rose, Alvin C. "Dos Tais é o Reino dos Céus"	Nov-Dez	12
Sahlin, Norma Jean A Esposa do Pastor Vista por um Conselheiro	Jul-Ago	9
Savage, João A Dor da Visitação	Jan-Fev	4
Smith, Paulo O Significado Bíblico do Dizimo e das Ofertas	Mar-Abr	9
Souza, Leah S. de Superando Nosso Natural Egoísmo	Jan-Fev	22
Stabenow, Iracilda Rodrigues "Eu a Conheço!"	Nov-Dez	11
Turner, Denise Que Aconteceu com a Família que Orava Junto?	Jan-Fev	5
Venden, Morris L. O que Jesus Disse Sobre a Justificação	Set-Out	18
O que Jesus Disse Sobre a Santificação	Nov-Dez	4
Vyhmeister, Irma B. de Saúde e Temperança	Jan-Fev	12
Um Compromisso Importante	Nov-Dez	17
Watts, Ron Há Necessidade de Mais Ataques Cardíacos	Mai-Jun	4
Wittschiebe, Charles E. A Esposa do Pastor Vista por um Conselheiro	Jul-Ago	9
* Youngberg, João B. O Casamento: Contrato Social ou Concerto Divino?	Mar-Abr	10

MINISTÉRIO

Uma Revista para Pastores e Obreiros

ADVENTISTA